



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

VICTOR LIMA DE ABREU

**GEOGRAFIA E LITERATURA: DIFERENTES ABORDAGENS DO SERTÃO COMO
PAISAGEM E PERSONAGEM**

FORTALEZA

2025

VICTOR LIMA DE ABREU

GEOGRAFIA E LITERATURA: DIFERENTES ABORDAGENS DO SERTÃO COMO
PAISAGEM E PERSONAGEM

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Geografia do Centro
de Ciências da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A99g Abreu, Victor Lima de.
 Geografia e literatura : diferentes abordagens do sertão como paisagem e personagem / Victor Lima de
 Abreu. – 2025.
 62 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante.

1. Sertão. 2. Percepção. 3. Humanismo. 4. Geografia literária. I. Título.

CDD 910

VICTOR LIMA DE ABREU

GEOGRAFIA E LITERATURA: DIFERENTES ABORDAGENS DO SERTÃO COMO
PAISAGEM E PERSONAGEM

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Geografia do Centro
de Ciências da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Aprovada em: 17/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Esp. Yago de Mesquita Falcão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ma. Daiana de Andrade Matos
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

A minha tia, Maria Selma de Abreu. Para
sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

O resultado final de um projeto é fruto de uma gama intensa de colaborações e relacionamentos nas mais diversas esferas, partindo da familiar até a acadêmica, passando pela amizade e o companheirismo. Sendo assim, reservo aqui alguns parágrafos para os meus mais profundos agradecimentos a várias pessoas, as quais seguramente não chegaria até aqui sem os conselhos, palavras de conforto e amparo em momentos difíceis.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a meu irmão Flávio Henrique Lima Alves e minha tia Maria Selma de Abreu, que já partiram porém continuam a me guiar com seus ensinamentos deixados e momentos felizes que farão sempre parte de minha formação enquanto cidadão. Sinto cada dia mais falta e espero um dia poder encontrá-los novamente.

Aos meus pais, Maria Mônica de Lima Abreu e Francisco Elder de Abreu, pessoas simples que sempre lutaram muito para me oferecer um lar seguro, ótima educação, incentivo e condições para sonhar com maiores objetivos de vida, além de sempre buscar me tornar uma pessoa melhor. Amo vocês, a quem devo tudo em minha vida.

A meu irmão, Igor Lima de Abreu, por todas nossas memórias felizes de infância, companheirismo, mas principalmente por cuidar da nossa família com todas as suas forças. Você é uma inspiração para mim.

A minha linda namorada e companheira de vida, Vitória Beatriz Ferreira Alves, por todos momentos que compartilhamos, apoio fundamental em dias difíceis, por saber que posso contar com você em qualquer momento e por acreditar em mim quando muitas vezes nem eu acreditei. Te amo minha querida.

A minha tia Maria de Fátima Abreu, pelo seu suporte fundamental durante a minha criação, sempre ajudando meus pais em épocas árduas em casa. Não tenho como expressar o quanto sou agradecido por tudo que a senhora fez por nós.

Ao Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante pela ótima orientação, conselhos e paciência durante o processo de realização deste trabalho, que fará sempre parte de minha vida acadêmica e profissional e parte do meu amadurecimento enquanto pessoa.

Também gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Jader de Oliveira Santos por todo o período de monitoria na qual pude contar com sua orientação que foram imprescindíveis para minha graduação e formação.

Por fim, gostaria de agradecer meus irmãos, que conheci durante a graduação e com certeza levarei para vida, Moises Silva, Breno Costa, Samuel Franco, Italo Carvalho, Kildere Maia, Ezequiel Oliveira, José Luiz. Cada um de vocês é muito especial para mim. Todos os

momentos que pude conviver com você, seja nos rachas no Amarão, conversas sobre os mais diversos esportes, assistindo juntos o Super Bowl, convívio diário no DG estarão sempre comigo.

As pessoas sem imaginação podem ter
ido as mais imprevistas aventuras,
podem ter visitado as terras mais
estranhas... Nada lhes ficou. Nada lhes
sobrou. Uma vida não basta apenas ser
vivida: também precisa ser sonhada.

(Mário Quintana)

RESUMO

O conceito de *sertão* sempre desempenhou um papel central na compreensão do processo de produção do espaço e da paisagem geográfica ao longo da formação socioterritorial do Brasil. Desde suas origens coloniais até os períodos republicanos, marcados pela busca das raízes da identidade brasileira em um passado quase cristalizado, o *sertão* foi interpretado sob diversas perspectivas. No entanto, a ciência geográfica nem sempre valorizou adequadamente o aspecto humano intrínseco a essa categoria, frequentemente priorizando outras dimensões. Diante da complexidade de realizar uma análise completa sobre as transformações impostas ao espaço e suas múltiplas camadas, esta pesquisa se fundamenta no método humanista, que enfatiza a valorização da experiência e da percepção humana diante dos fenômenos espaciais. O objetivo principal é investigar o conceito de *sertão* em sua totalidade, explorando seus principais marcos históricos, eventos significativos e a evolução de sua representação e configuração na atualidade. Adotando o viés interdisciplinar característico do método humanista, o estudo utiliza a abordagem da geografia literária e por meio dela, busca compreender a evolução conceitual do *sertão* a partir do olhar humano, considerando suas manifestações culturais, simbólicas e espaciais. Assim, o trabalho propõe uma reflexão ampliada e sensível sobre o *sertão*, integrando diferentes saberes e perspectivas.

Palavras-chave: Sertão; Percepção; Humanismo; Geografia Literária

ABSTRACT

The concept of sertão has always played a central role in understanding the process of spatial production and the geographical landscape throughout Brazil's socio-territorial formation. From its colonial origins to the republican periods—which were marked by a search for the roots of Brazilian identity in an almost crystallized past—the sertão has been interpreted from various perspectives. However, geographical science has not always adequately valued the intrinsic human aspect of this category, often prioritizing other dimensions. Given the complexity of conducting a comprehensive analysis of the transformations imposed on space and its multiple layers, this research is based on the humanistic method, which emphasizes the appreciation of human experience and perception in relation to spatial phenomena. The main objective is to investigate the concept of sertão in its entirety, exploring its key historical milestones, significant events, and the evolution of its representation and configuration in contemporary times. Adopting the interdisciplinary approach characteristic of the humanistic method, the study employs the literary geography approach and, through it, seeks to understand the conceptual evolution of the sertão from a human perspective, considering its cultural, symbolic, and spatial manifestations. Thus, this work proposes a broadened and sensitive reflection on the sertão, integrating different fields of knowledge and perspectives.

Keywords: Backlands; Perception; Humanism; Literary geography

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação do retirantes na obra Vidas Secas, de Graciliano Ramos.....	14
Figura 2: Nova et accurata Brasiliae totius tabula, publicado por Joane Blaeu, 1640.....	41
Figura 3: Suíte d u Bresil: depuis la baye de tous lês Saints, 1754.....	42
Figura 4: Plano do Salto Grande do Rio Paraná e desenho de um jacarandá, onde foi gravada uma cruz para sinal, feitos por André Vaz Figueira em 1754.....	44
Figura 5: "Mappa Região Flagellada pela Secca de 1877"	47
Figura 6: Açude Cedro.....	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CAMINHOS DA GEOGRAFIA LITERÁRIA: PRINCIPAIS ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS.....	18
2.1. Geografia Literária: O cerne de uma vertente interdisciplinar.....	21
2.2. Figuração do espaço em obras literárias.....	26
3. DA GEOGRAFIA À LITERATURA: PRINCIPAIS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO CONCEITO DE SERTÃO.....	31
3.1. O Sertão como ele é.....	34
3.2. A ótica sertaneja na literatura: Diferentes abordagens como paisagem e personagem.....	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

1. INTRODUÇÃO

O tema do Sertão desde sempre instigou bastante seus observadores. Etimologicamente o termo tem origem bem incerta, onde muitos estudiosos apontam para uma gênese anterior ao período colonial e não relacionada especificamente ao território brasileiro (Filho, 2011). Essas discussões acerca das origens do termo são muito importantes - e vão ganhar seu devido destaque mais a frente - para entendermos a evolução do conceito que ao longo dos séculos ganhou uma carga simbólica associada à sua história pulsante, cheia de significações, mas também devido às suas diversas representações.

Quando falamos de suas múltiplas representações, temos desde a paisagem com atributos interioranos descrita informalmente por portugueses, com diferentes grifos, e também em documentos oficiais enviados ao Rei de Portugal (Filho, 2011), ao Sertão sendo “personagem” de tramas como *O Quinze* de Rachel de Queiroz, *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa e *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, nos quais é ligado ao ideário de Resistência, Luta, Êxodo, Resignação, Seca entre outras.

É possível também inferir que ao longo dos séculos tal conceito passou a ser associado a Identidade Regional dos lugares, principalmente no tocante a regiões do Nordeste brasileiro. É claro que um conceito tão plural, complexo e heterogêneo como Sertão não pode ser resumido em algumas ideias, muito menos por uma fronteira regional, porém estas nos são úteis como aproximação da temática apresentada. O complexo geográfico que envolve o Sertão é extremamente particular e dotado de inúmeras perspectivas, tanto humanas quanto físicas, o que transforma esta noção em um personagem bem intrigante em suas muitas facetas.

Os textos literários que se debruçaram sobre essa tônica, a incorporando no seu enredo, se avolumaram no século XX no Brasil, com o movimento modernista e regionalista de autores como Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, e aqui nos apresentam um grande leque de possibilidades para estudos interdisciplinares. Tais obras representam o espaço os quais ambientam suas tramas ao passo que seus personagens estão profundamente ligados a sua terra, sendo parte essencial de tal representação. Nessa perspectiva não podemos dissociar o homem da terra, à medida que tais retratos perderiam o seu sentido pleno. Um exemplo de tal abordagem se dá na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, no qual temos a perspectiva do sofrimento causado pelas terríveis secas que

assolaram o sertão nordestino durante o século XIX e XX representado na figura dos retirantes, que emigram de sua terra natal em busca de melhores condições.

Figura 1: Representação do retirantes na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos



Fonte: Plano Crítico (2022)

Entretanto, precisamos ter cuidado ao tratar de representações acerca de um tema para não cairmos em reducionismos, afinal como afirma Almeida (2012, p. 33) “As representações são fundadas sobre a aparência dos objetos e não sobre o objeto em si.”. Contudo, com a ciência de tais limitações e os cuidados metodológicos devidos, entendemos que os textos literários são em essência ótimas fontes de pesquisa para temas que permeiam a sociedade, podendo ser utilizadas com documentos históricos de um contexto específico no qual estão inseridos. Contudo, reduzi-los ao papel de mero documento não é a intenção do presente trabalho. Textos literários são portas de entrada para outros mundos, outras realidades as quais se apresentam a nós como forma de ampliarmos nossa visão, cheios de multiplicidade, significações e conteúdo social em seus trechos são um campo prolífico para investigações das mais diversas áreas de pesquisa.

É nessa perspectiva que se insere a Geografia Literária. Dotadas de uma conexão ímpar, a relação entre Geografia e Literatura tem se mostrado muito frutífera no quesito de análises e possibilidades. Nas palavras de Leitão Júnior (2012, p 2):

Esses dois universos, aparentemente longínquos e imiscíveis, se entrecruzam de

modo profícuo, estabelecendo uma união de elementos tão opostos quanto complementares, cujas relações abrem um interessante campo investigativo em que os sentimentos manifestos pela Arte dão guarida e/ou nutrem as concepções racionais mobilizadas e ordenadas pelo campo científico – e vice-versa. Isso porque na relação Arte-Ciência – ou mais particularmente, para este estudo, na relação Geografia-Literatura –, os artistas-literatos imbuem suas obras de uma identidade que denuncia a conexão obrigatória com a realidade, uma vez que tais obras possuem uma autoria sujeitunal e são timbradas por uma escala espacial e temporal específica. (Leitão Júnior, 2012, p 2).

O autor complementa enfatizando que, por mais que a maioria dos enredos referidos esteja no campo ficcional, eles carregam em sua assinatura ideologias e concepções de mundo expressas nas relações dos personagens com o a realidade que lhes é imposta, exigindo um arcabouço prévio por parte dos leitores para plena compreensão da obra (Leitão Junior, 2012).

Essa perspectiva é extremamente promissora principalmente se levarmos em consideração a uma abordagem humanista da Geografia – viés que pretendemos seguir no presente trabalho – que busca na valorização da experiência humana equiparando o racional ao afetivo explorar os limites do ser humano, principalmente através da sua relação com o meio em que vive (Cavalcante, 2016).

Dessa forma, o atual trabalho busca por meio de revisão bibliográfica se debruçar, propor discussões e analisar as principais abordagens e enfoques do conceito de sertão. Como este é imaginado, idealizado, sentido e construído, suas múltiplas facetas e evoluções conceituais tendo como principais fontes de pesquisa textos literários e geográficos, para se ter um leque maior de opções e arcabouço teórico-metodológico com o intuito de aquilatar a discussão. Essas análises serão feitas sob a luz da Geografia Humanista, vertente que, amparada nos princípios metodológicos da fenomenologia, possibilitou a aproximação interdisciplinar de Geografia e Literatura, pois valoriza não apenas aspectos concretos, mas também subjetivos, culturais e percepções do imaginário.

Com isso, temos a intenção de seguir a metodologia proposta por Marc Brosseau (2007 *apud* Garcia, 2020) que busca acabar com as barreiras entre as Geografia e Literatura, à medida que vê tal interdisciplinaridade como método de reflexão acerca da percepção do espaço e suas categorias de análise. Assim uma obra pode ser vista tanto pelo prisma geográfico, identificando nesta os aspectos de construção do espaço ou pela ótica literária de criação artística na qual baseado em tal realidade molda suas representações.

A relevância de tal investigação passa pela escolha da abordagem Geográfica-Literária, que apesar de não ser algo novo ou inovador, tem ganhado força na última década no Brasil com o advento de revistas e simpósios nessa perspectiva, o que reforça a importância dessas análises e das possibilidades que ela abre, principalmente para

quebra de paradigmas e dogmas de uma Geografia de cunho mais tradicional que tende a não se interessar por representações espaciais e complexos geográficos construídos em obras literárias. Somado a isso, levamos em consideração que essa perspectiva metodológica está inserida no método geográfico do humanismo, que alicerçado na fenomenologia, valoriza a ótica do sujeito, do espaço vivido e como este molda o meio físico, algo que consideramos fundamental na análise do Sertão, pois além do aspecto físico o atributo humano é primordial para entendermos o nascimento do conceito e as transformações ocorridas. Em relação ao objeto de estudo, o conceito de Sertão - que já conta com ampla produção científica a seu respeito principalmente em uma vertente físico-biológica – devido a seus traços participares, amplitude de significações e pluralidade abre espaço para novas análises e conceituações, sobretudo de uma ótica da Geografia Literária. Ademais, entendemos que seu conceito possui enorme relevância dentro do processo de formação socioespacial e rede urbana brasileira, algo que buscamos reforçar e aprofundar nesse trabalho tendo em vista a perspectiva destacada por Ferreira Dias (2022) sobre a fundamental importância do conhecimento histórico de dada sociedade para o pleno entendimento da constituição desta, atrelando a formação social e econômica a espacial.

Em face do exposto, o presente trabalho tem os seguintes objetivos: Investigar os principais marcos que ditam a evolução do conceito de Sertão por meio da análise de suas abordagens geográfico-literárias. Entender os procedimentos metodológicos da Geografia Literária. Estabelecer parâmetros para conceituação de Sertão. Analisar a evolução do conceito de Sertão por meio das abordagens geográfico-literárias. Em busca de proporcionar o melhor entendimento sobre o presente trabalho, o mesmo está dividido em dois capítulos.

O primeiro capítulo intitulado: **Caminhos da Geografia literária: Principais enfoques contemporâneos** apresentará o panorama e as conjecturas teóricas que irão nortear a pesquisa. Desse modo, na parte inicial traremos uma pequena discussão acerca da Geografia Humanista e como esta possibilita e incentiva aproximações interdisciplinares da Geografia, sendo assim a base metodológica que alicerça a Geografia Literária. Em seguida, dividiremos o capítulo em dois subtópicos, onde a primeira parte terá como foco as origens, abordagens durante o século XX e suas maiores possibilidades, quando esta veio de fato a ser observada com maior atenção nos trabalhos acadêmicos e subsequentemente na segunda parte destacamos como podemos analisar as principais categorias de análise da geografia a partir dessa vertente, como esta pode ser usada no estudo da paisagem, lugar e espaço além de demonstrar os principais enfoques e abordagens contemporâneos da Geografia Literária.

O segundo capítulo intitulado: **Da Geografia à literatura: Principais caminhos**

percorridos pelo conceito de Sertão, irá de fato seguir a perspectiva da Revisão Bibliográfica no sentido de analisar as principais abordagens para o conceito de Sertão. Nesse sentido, dividiremos o capítulo em dois subtópicos, nos quais primeiramente buscaremos parâmetros válidos para a análise de Sertão, através de investigações epistemológicas em documentos como atlas, cartas e a partir disso discorrer sobre as principais características vinculadas ao termo, inclusive de regiões fora do Brasil, para posteriormente analisá-lo de um panorama Geográfico (Físico e Humano) e literário, por meio da investigação em obras literárias

Por fim, o capítulo de **Considerações Finais** reunirá as discussões propostas, buscando relacionar afim de estabelecer o caminho percorrido pelo conceito de sertão por meio dos seus principais marcos, grifados no espaço geográfico por toda a experiência humana ali constituída, registrada na história e expressa, entre muitas outras forma, por uma manifestação puramente humana, a literatura.

O curioso de se pensar em caminhos interdisciplinares são as muitas possibilidades de se adentrar em terrenos já conhecidos sob outras perspectivas, que a cada análise ressignificam seu objeto inicial, o engrandecendo. Nesse cenário, pesquisamos as diversas camadas difusas acerca do tema almejando aprofundar as discussões acerca do conceito de sertão, trilhando caminhos essencialmente humanistas.

2. CAMINHOS DA GEOGRAFIA LITERÁRIA: PRINCIPAIS ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS

Por muito tempo para os geógrafos medir e descrever paisagens era mais vantajoso do que entendê-las. E hoje, ainda há geógrafos que se preocupam apenas em descrevê-las? (Borges, 2018. p. 4)

A provocação inicial desse capítulo, da professora Joyce de Almeida Borges, remonta às abordagens geográficas tradicionais acerca da paisagem, e nos faz questionar o papel do geógrafo na atualidade. No que podemos chamar de início do pensamento geográfico sistematizado, ocorrido na Alemanha durante a primeira metade do século XIX no contexto do pós-revolução científica do Renascimento, tínhamos uma ciência preocupada com aspectos da unidade da natureza, tendo como principais expoentes Alexander von Humboldt e Carl Ritter que se autodenominavam naturalistas e buscavam sistematizar o saber geográfico para estudar os processos e formas presentes nessa unidade e como isso afetava a humanidade. (Freitas, 2017)

Em paralelo a isso também existiam correntes de pensamento geográfico atrelados ao Idealismo alemão, que procuravam em seus estudos evidenciar questões relacionadas à estética dos saberes tradicionais e das experiências vividas. Entretanto, essa vertente foi deixada de lado quando em sua sistematização mais tradicional, na qual a ciência geográfica adotou os fundamentos do positivismo e uma consequente objetivação científica que estavam em voga na época (Aquino e Silva, 2022). Logo, podemos inferir que em seu viés mais tradicional positivista a ciência geográfica não dedicava muita atenção a manifestações culturais e históricas.

Porém, essa vertente idealista começou a ser retomada quando no início do século XX, em paralelo aos estudos de viés naturalista começaram a se desenvolver estudos de cunho cultural, com nomes como o geógrafo estadunidense Carl Sauer, que preconizava em suas pesquisas uma análise da relação do homem com a paisagem, no qual esse adotava como parâmetro uma compreensão holística dessa relação na qual o homem transforma a paisagem em habitat, o espaço em lugar (Freitas, 2017).

A abordagem de Sauer é extremamente importante, no sentido de fazer essa retomada de conceitos mais voltados à área da geografia humana, influenciando muitos autores décadas depois principalmente nos estudos relativos à geografia cultural. Sauer é um nome primordial na virada epistemológica que a ciência geográfica experimentou no século XX. Tal pensador buscava em seus estudos ressaltar a importância do componente cultural como agente

modificador da superfície terrestre, como as pessoas marcavam a paisagem e a transformavam em paisagem cultural, não devendo a geografia se limitar aos aspectos palpáveis da superfície terrestre (Garcia, 2020). Com isso, podemos inferir que tal pensador é pioneiro em fazer o caminho oposto ao vigente na época, que objetificam estudar como os processos físicos ocorridos na superfície influenciavam a sociedade.

Outro pensador que propôs métodos inovadores para seu contexto é que mais tarde foram primordiais para o estabelecimento dos conceitos humanistas culturais é o estadunidense John Kirtland Wright, ao cultivar a valorização do conhecimento geográfico presente nas mais várias fontes, indo além daquelas valorizadas pelo pensamento científico sistematizado, fazendo um apelo em prol de disciplinas que explorassem a imaginação das pessoas e os conhecimentos produzidos por geógrafos e não-geógrafos. Para tal conceito deu o nome de Geosofia. (Wright, 2014)

Dessa forma, observamos que tais autores incorporam em seus estudos os métodos da fenomenologia. Tal orientação filosófica, que teve início com o matemático Edmund Husserl (1859-1938), está centrada na percepção do mundo através do sujeito, e como este compreende os fenômenos que lhes são apresentados, no caso como o sujeito toma consciência de tudo aquilo que está a sua volta.

A fenomenologia é o método basilar do existencialismo e do humanismo, que tem como alguns expoentes como Heidegger (1889-1976) e Sartre (1905-1980) onde observamos que o paradigma principal está na valorização do sujeito, espaço vivido, da percepção, do imaginário entre outros fatores que baseiam uma análise qualitativa que tenha como ponto central o ser humano (Borges, 2018).

Na década de 50 observamos um dos principais movimentos em favor de tais abordagens em estudos geográficos. Éric Dardel, geógrafo francês, no seu livro intitulado O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica, publicado no ano de 1952, reestabeleceu a vertente idealista alemã e avançou nas discussões, trazendo para o centro da análise geográfica de paisagem os conceitos de Fenomenologia e Existencialismo.

Concebido em um contexto, social e científico, que não favoreceu sua ampla divulgação devido ao seu caráter inovador e a adoção de uma linguagem poética, o livro de Dardel remete principalmente aos conceitos de existencialismo e fenomenologia de Martin Heidegger, propondo uma análise geográfica que partisse da percepção do homem em relação ao meio, afinal o conhecimento científico parte da tomada de consciência da humanidade, sendo redescoberto na década de 70 e utilizado como alicerce de fundamentação para a Geografia Humanista, vertente que veio a se desenvolver na América do Norte com autores

como Yi-Fu Tuan e Edward Relph (Malanski, 2016).

Holzer (2010) aponta que tais autores buscavam alternativas epistemológicas que basearam seus estudos acerca do conceito de lugar e espaço, e encontraram na obra de Dardel uma conexão entre a geografia do espaço vivido francesa e a geografia humanista norte americana, a qual lhes forneceu os elementos necessários para seus estudos, tais como:

a relação primordial entre o homem e a Terra, as distâncias e direções na formação do conceito de lugar e paisagem, todos os aspectos abordados a partir de uma perspectiva fenomenológica e interdisciplinar, onde a arte tem papel preponderante como fonte de informação para compreensão dos fenômenos (Holzer, 2010, p. 2)

Essa vertente geográfica, derivada de estudos no campo da geografia cultural e histórica de autores como Carl Sauer e John Kirtland Wright, é fundada na percepção que os estudos geográficos em destaque na época focavam no aspecto natural palpável e negligenciavam o “meio pessoalmente aprendido” que diz respeito ao comportamento humano e as marcas impressas na paisagem pelo homem, e nesse sentido buscam em seus estudos evidenciar as ações e imaginações humanas e analisá-las de forma objetiva e subjetiva, perspectiva essa que foge de parâmetros cartesianos e positivistas (Holzer, 1997). Esta vertente tem como principais objetos de estudo os conceitos como lugar, espaço vivido, paisagem e percepção. Seus maiores expoentes são, além dos já citados Yi-Fu Tuan e Edward Relph, temos nomes como David Lowenthal e Anne Buttimer nos na América do Norte, nos estudos com veia mais cultural que preponderam na França com nomes como Paul Claval, Jean-Marc Besse, Michel Collot e Armand Frémont, Gaston Bachelard. Já no Brasil dentre os autores que mais se dedicaram ao tema temos Werther Holzer, que traduziu o livro de Dardel para o português, Livia de Oliveira, que traduziu as duas principais obras de Tuan para o português, entre outros autores como Eduardo José Marandola Jr, Oswaldo Bueno Amorim Filho e Roberto Lobato Corrêa.

Tal abordagem proposta por Dardel e os geógrafos humanistas aproximam a ciência geográfica da arte no sentido que valorizam aspectos sensíveis ao humano e sua relação intrínseca com o meio em que vive, promovendo uma percepção geográfica a partir da existência humana. “Assim sendo, a geografia envolve tanto as dimensões do conhecimento como as da afetividade, exigindo uma atitude que relacione o rigor da ciência à observação pessoal e poética” (Cavalcante, 2016, p. 15). Na obra dardeliana, tais aspectos são sintetizados no conceito de Geograficidades, noção derivada de Historicidades, e que diz respeito à existência baseada em traços de cumplicidade intrínsecos entre homem e terra (Besse, 2011; Malanski, 2016). Esse conceito será um dos parâmetros usados na presente pesquisa, com o

intuito de evidenciar como a referida relação (homem-terra) molda as concepções acerca do Sertão em textos literários.

É nesse sentido que voltamos à epígrafe inicial do capítulo, na qual são colocados à prova abordagens tradicionais da geografia como perspectivas metodológicas positivistas. É claro que não é intenção de ninguém desqualificar tais estudos, afinal onde estaríamos hoje sem a presença deles, e mesmo na atualidade estes são extremamente importantes para entendermos os processos físicos que ocorrem na paisagem e seus impactos para as populações. Contudo, em um ecossistema global, no qual observamos mudanças nos campos sociais, políticos e econômicos a cada momento e principalmente se levarmos em consideração escalas espaciais ainda mais específicas, as mudanças são ainda mais plurais. Nesse cenário se torna impensável um saber geográfico que se satisfaz apenas pela descrição das paisagens, sem como isso buscar entender o que a torna especial. Assim, cabe ao geógrafo desbravar outros mundos, extrapolar as fronteiras impostas pelo cientificismo, e a interdisciplinaridade se mostra como campo promissor para a geografia repensar sua episteme.

2.1. Geografia Literária: O cerne de uma vertente interdisciplinar

A Arte impõe-se como um cosmo de possibilidades etéreas e transcendentais, um universo de manifestação das pulsões e das paixões humanas, capaz de transpor as limitações imperiosas da sua condição objetiva imediata de existência e de alçar as condições terrenas e mundanas da humanidade ao nível do sublime. Encarnando as emoções, percepções e ideias em meios e materiais tangíveis – as obras de arte –, a Literatura reveste-se, enquanto manifestação legítima de um campo artístico, de uma licença poética e dá vazão a uma recôndita e profunda sensibilidade. (Leitão Júnior, 2012, p.1)

Qual a relação entre Geografia e Arte, neste caso a Literatura? Como destacamos anteriormente os primeiros cientistas que buscaram em seus estudos sintetizar o conhecimento geográfico de maneira mais organizada e sistematizada aplicaram uma matriz metodológica positivista hipotético dedutivo, a qual para determinado contexto histórico e objetivos que visavam alcançar era perfeitamente adequado, afinal tal método valorizava uma abordagem de neutralidade científica onde o real é descrito por hipóteses e provado pelo empirismo.

Nessa perspectiva parece bem difícil imaginar que a ciência geográfica, assumindo postulados e métodos positivistas, valorem análises do espaço descritas em obras literárias, afinal tais obras assumem uma linguagem poética, capaz de nos revelar realidades não alcançadas pela linguagem científica. Com isso, trabalhos que buscavam explorar tais

abordagens permaneceram marginais aos grandes circuitos científicos no século XX.

Contudo, Freitas (2017) destaca que tal distanciamento era basicamente inexistente se regredimos a Antiguidade, onde os conhecimentos geográficos, ainda descolados do rigor científico, adotavam uma linguagem puramente literária, ao mesmo tempo que se aproximava bastante de conhecimentos como a História e a Filosofia. Com isso, podemos observar que tais áreas do conhecimento tem muito mais em comum do que pensamos.

Desse modo, nos é dado instrumentos para inferir que a Geografia é em síntese uma ciência interdisciplinar, a qual sempre esteve em colaboração com outras áreas do saber, como a Antropologia, Sociologia, Filosofia e não obstante a isso, a arte. Tais colaborações promovem a ampliação da consciência acerca do espaço, material e imaterial, e outros conceitos geográficos à medida que possuem outras concepções sobre os temas, o que encoraja pesquisas com essa perspectiva. Sob essa égide se constrói a relação entre Geografia e Literatura.

Podemos nos aproximar dessa conexão interdisciplinar à medida que observamos a ciência geográfica como instrumento de compreensão do espaço através de aspectos objetivos ou subjetivos, que estão presentes nos espaços vividos dotados de muitos significados devido a ligação intrínseca entre homem e terra, e a literatura seria um meio de refletir e expandir o conhecimento sobre tais aspectos (Garcia, 2020)

As origens de investigações com tal premissa são relativamente difusas, porém Collot (2012) aponta para uma ascendência situada em meados do século XIX nos ensaios de Madame de Staël, ao procurar certa contraposição entre literaturas do Norte e Sul.

Na primeira metade do século XX, Geógrafos que se debruçaram sobre as possibilidades desse elo apontaram para um caminho de compreensão da literatura como fonte de pesquisa para as empreitadas geográficas acerca das espacialidades presentes em obras literárias, uma forma de enriquecer os estudos nessas área, no entanto, com a maturação dos estudos na perspectiva geográfica-literária, foi atestado que as possibilidades eram muito maiores considerando tais obras em sua plenitude, convidando a ciência geográfica para uma revisão de conceitos (Cavalcante, 2016).

Em concordância com isso, Collot (2012) afirma que alguns Geógrafos souberam dialogar perfeitamente com as obras literárias em seus trabalhos, ao passo de chegar à conclusão que “os romancistas contemporâneos não fornecem à geografia somente documentos preciosos, mas são, eles mesmos, ao seu modo, geógrafos; há um pensamento espacial do romance que propicia um modo peculiar de fazer a geografia.” (Collot, 2012, p. 20)

Em vista disso, podemos considerar que as abordagens da Geografia Literária possuem duas vertentes: a primeira, denominada como as espacialidades, visa alcançar concepções acerca da materialidade dos espaços e como este é constituído e a literatura seria a ampliação de tais conhecimentos através de suas obras e linguagens, o que enriquece o estudo geográfico. Já a segunda vertente, denominada como geograficidades, busca elucidar os aspectos de cumplicidade da relação do homem com o ambiente o revelando com ser essencialmente telúrico, ao passo que entende que a Literatura se apresenta a nós como um mundo dotado de incríveis possibilidades e expressões artísticas, que possuem em seu bojo enorme conteúdo social acerca da condição humana e perspectivas acerca dos espaços construídos socialmente e representados o que é muito valioso para geografia. Tal abordagem tem sua matriz na concepção que a ciência parte do homem, da sua consciência em relação ao meio que vive e os fenômenos que acontecem à sua volta, assim podemos entender esse termo como a tomada de consciência da importância do espaço vivido pela geografia.

Nesse sentido, podemos entender que esse campo interdisciplinar não se reduz apenas a análises de representações acerca do espaço, mas também como revelador de mundos e realidades sociais existentes em tais espaços, o que convoca a ciência geográfica a ampliar seus horizontes.

Paralelo a isso, cabe retomarmos outro conceito fundamental para uma guinada geográfica em busca de novas concepções acerca do espaço, um tanto quanto mais ontológica, a Geosofia. Tal termo foi desenvolvido por John Kirtland Wright, importante pensador da geografia cultural, e diz respeito à valorização do saber geográfico nos diversos pontos de vista. Nesse sentido, tal palavra exprime a ideia de:

Geosofia é o estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista. Sendo para a geografia, o que a historiografia é para a história, ela lida com a natureza e a expressão do conhecimento geográfico tanto passado quanto presente [...] Deste modo, ela se estende muito além do núcleo da geografia, do conhecimento científico, ou da geografia do conhecimento como é sistematizada pelos geógrafos. Levando em consideração todo o domínio periférico, que cobre as ideias geográficas, tanto as verdadeiras quanto as falsas, de todo tipo de pessoa – não apenas geógrafos, mas fazendeiros, pescadores, executivos e poetas, romancistas e pintores, beduínos e hotentotes – e por esta razão ela necessariamente precisa lidar em alto grau com concepções subjetivas (Wright, 2014, p. 15)

Tal conceito se desprende de métodos mais rígidos e aproxima o conhecimento geográfico de variáveis mais subjetivas, o que não ilegítima seu valor. Esta abordagem foi mais a frente retomada pelo geógrafo norte americano David Lowenthal, que buscava renovar a Geografia Cultural e a partir de tais ideias propôs uma nova sistematização da geografia, o

que mais a frente deu vazão para uma revolução nos estudos da Geografia Humanista Cultural (Holzer, 1997).

Esses elementos criaram um terreno em perfeitas condições para o cultivo de novas ideias que estavam em ebulição a décadas, afinal está intrínseco ao conhecimento científico a busca por novas acepções que melhor respondam suas teses e teorias, como muito bem sintetiza Pádua (2013, p. 7):

O constante refletir sobre si mesma é uma das mais importantes características da ciência, é desse modo que ela avança e procura compreender novas realidades e tecer novas maneiras de ver o mundo. Nesse contexto, a geografia não poderia se furtar à permanente autoreflexão. (Pádua, 2013, p. 7)

Dessa forma, através de tais conceitos podemos entender a mudança de ares e epistemologias experienciadas pela ciência geográfica no século XX em direção a abordagens humanistas, de cunho fenomenológico, que valorizassem a percepção geográfica baseada na relação homem e ambiente, o que abriu espaço para as obras literárias nos estudos geográficos.

Na década de 1970, quando tais conceitos e concepções foram retomadas e valorizadas pela Geografia Humanista os estudos envolvendo estes pilares se avolumaram, assim como o apelo em favor da Literatura nos estudos geográficos. Dessa forma, o papel dos estudos humanistas, com base nos métodos fenomenológicos, é substancial para a Geografia Literária à medida que deu lastro metodológico para que tais investigações pudessem ser desenvolvidas (Brosseau, 2007 *apud* Freitas, 2017).

Várias categorias de análise geográficas foram revisitadas sob a ótica fenomenológica, contudo a que mais se destaca e até a que provavelmente mais representa essa vertente geográfica é a categoria de lugar. Tal conceito é fundamental na ciência geográfica desde seus primórdios, mas a partir dos geógrafos humanistas este passou a assumir uma carga puramente existencial e principalmente experiencial. Podemos nos aproximar dessa concepção através da obra de Yi-Fu Tuan, grande expoente do humanismo geográfico, que separou as ideias de espaço e lugar através da perspectiva da experiência humana, onde os espaços que são tocados e afetivamente dotados de valor pelo homem se tornam lugar, e este elo afetivo que une homem e terra é atribuído o nome de *Topofilia* (Oliveira, 2013).

Dessa forma, através de conceitos como topofilia e geograficidades podemos entender a valorização da arte pelos humanistas, onde o conceito de lugar surge como incitador de uma possível união entre geografia e literatura, afinal quais exemplos melhores de expressão da perspectiva humana em contato com seus espaços afetivamente modificados ?

Se os homens estão ligados a um sem números de lugares [...] pode-se afirmar que o mesmo ocorre com os artistas em suas obras de arte, com os poetas em suas poesias e com os romancistas em seus romances. Ruas, cidades e países transcendem a obra desses homens, surgindo como declarações de afeto, recordações de vida e promessas de amor (Gonçalves, 2010, p. 33)

A partir disso as barreiras entre tais áreas do saber foram colocados a prova e seus limites cada vez mais explorados em favor do desvelamento por uma nova ótica de conceitos geográficos como espaço e lugar.

Alguns autores miram para uma certa sistematização de tal vertente, um rumo que nos mostra como os trabalhos nessa área têm sido abordados, principalmente devido a um amadurecimento dos métodos utilizados. Collot (2012) aponta para trabalhos que se desenvolvem em três perspectivas: a da Geografia da literatura, da geopoética e da geocrítica.

A primeira abordagem, Geografia da literatura, está ligada às origens das investigações da geografia literária, na qual esta buscava no contexto espacial que o autor está imerso elementos para entender geograficamente sua obra, uma forma de traçar os mapas das obras, pois entende que o contexto geográfico, político, social e cultural de criação de uma obra a influência diretamente. A abordagem Geocrítica vai de encontro a lacuna deixada pela abordagem mais geográfica por assim dizer, ao ponto que busca analisar os espaços criados a partir da perspectiva do próprio texto, não focando mais no contexto de criação. Podemos extrair de tal abordagem a potencialidade da literatura para criação e ressignificação de espaços reais em imaginários, o que molda a concepção coletiva acerca desses espaços. Assim, enquanto a abordagem geografia busca compreender como o contexto externo molda as espacialidades dos textos literários, a abordagem geocrítica procura entender como as representações construídas nos textos ressignificam os espaços reais. Por fim, a abordagem Geopoética que seria uma espécie de união entre as abordagens anteriores, ao passo que busca estudar as “relações entre as representações do espaço e as formas literárias” (Collot, 2012. p. 26)

Com isso, podemos perceber o caráter complementar de tais abordagens, que aqui nos são convenientes como aproximações das possibilidades da geografia literária e não como limites imposto a tal vertente, pois como o próprio autor deixa claro que esses limites ainda não são conhecidos.

Em face do exposto, fica nítido não apenas a riqueza da interação entre geografia e literatura, mas também a semelhança entre tais campos, que a partir de uma guinada da ciência geográfica em direção ao humanismo voltaram a dialogar com o intuito de produzir um conhecimento científico pouco explorado na modernidade, que ultrapassa a concepção do

puramente acadêmico e vai de encontro com a percepção humana e valoriza o que esta tem a nos dizer sobre sua relação com o espaço e como através de elementos culturais transforma este em paisagem, lugar mas também em personagem...

2.2. Figuração do espaço em obras literárias

Olho contemplando e ouço perscrutando o mundo todo, por terra, mar e ar, com as duas metades da minha alma. A metade da experiência e a outra metade da vivência, sempre mergulhadas no néctar da Geografia. Sempre alimentadas pelas cores das montanhas e das planícies, pelos aromas das florestas e dos cerrados, pelos sabores significantes das cidades e dos campos, pela vibração e transparência dos ventos, das nuvens e dos ares, pela fluidez das águas dos rios e dos mares, pelo brilho e beleza das flores e dos frutos, pelas texturas culturais e humanistas, pelo encanto telúrico dos bichos e animais, enfim pelos sentimentos e afeição das pessoas e das gentes. (Oliveira, 2013, p. 91)

O fragmento acima, retirado do artigo Sentidos de lugar e de Topofilia de Livia de Oliveira, está engendrado no que podemos chamar de um sentimento puramente telúrico, o que envolve uma gama de sensações, entre elas uma certa passionalidade por aquilo que pertence a terra, com suas planícies, riachos e animais. Tal abordagem nos remonta a uma certa classe de conceitos como contemplação da paisagem, memória afetiva, sentimento nostálgico relacionada ao lugar e a todos os elementos que este reproduz. Porém, esses elementos nos fazem inquirir sobre algo que lhes é primordial, no caso o que liga afetivamente as pessoas a sua terra? Como a percepção humana é capaz de ressignificar determinados espaços e dotá-los dos mais variados valores?

No romance *A Casa* (1998) da renomada escritora cearense Natércia Campos, podemos perceber uma narrativa ficcional que nos alude a um universo representativo recriado a partir de sentimentos como amor e pertencimento à terra. O referido universo nos é introduzido por um narrador antropomorfizado - a própria casa - que é um personagem do enredo, e no caso o personagem principal, nos relata sua história secular, sua perspectiva, que não é contada de forma linear, de muitos personagens pertencentes a uma família que ali passaram suas vidas e assim fazem parte dessa construção simbólica do espaço.

Essa trama é muito prolífica em termos de significados e representações. Saraiva (2011) nos faz refletir sobre como o artifício narrativo da obra se assemelha ao legado de histórias épicas, as quais são construídas sob uma tradição de transmissão de experiências e conhecimentos comunitários pela narrativa oral. Dessa forma, Natércia (re)cria um mundo representativo do sertão nordestino, alicerçado nas perspectivas e experiências da família, que retratam com uma verossimilhança apreciável o povo sertanejo. Entretanto, o autor ainda

ressalta o fato de os personagens da trama irem além de meros arquétipos do povo sertanejo, sendo também suas personalidades dotadas de propriedades comuns a uma essência humana, característica muito importante em romances regionalistas, que não buscam em seus versos criar lugares identificáveis em um mapa, mas sim lugares que representam uma condição expressiva de determinadas realidades.

A geografia por muito impõe restrições em relação a obras que não tem uma dimensão espaço-temporal muito bem delineada, que é justamente o caso da obra de Natércia, entretanto essas características da obra na realidade fazem é engrandecer a percepção geográfica em cima de tal, afinal esse caráter mais "universal" atribui profundidade a obra, a permitindo tratar de aspectos que tangenciam a condição humana na terra, transcendendo o regional (Cavalcante, 2012)

Ainda segundo Cavalcante (2012) devemos nos atentar para a dimensão geográfica do habitar presente na obra, que segundo o autor remete ao conceito heideggeriano do habitar, no qual materializamos uma casa à medida que a construímos de forma física, mas sobretudo simbólica, dotando está de sentido vivo. Assim, no romance de Natércia os personagens dão vida a casa à medida que após sua construção através do ato de habitar preenchem seu interior de significados, simbolismos, afetos e emoções que a fazem perdurar por gerações, como um cosmos contido de suas paredes, corredores e quartos.

Tais aspectos entram em consonância com os postulados do filósofo francês Gaston Bachelard, principalmente em sua obra *A Poética do espaço* (1957), na qual o autor propõem sob base fenomenológica uma concepção de ciência que vá em busca de uma imaginação poética do espaço, uma espécie de consciência coletiva de criação dessas imagens moldadas na relação do indivíduo com a sociedade e com o meio, na qual se revelaria através da investigação dos espaços íntimos, ou espaços de convivência dotados de afetividade, as metamorfoses do espaço (Silva, 2015). Ainda segundo o autor, a obra de Bachelard surge para a geografia como forma de extrair o conteúdo social presente em poesias líricas, principalmente da relação dialética entre indivíduo e sociedade, e relacioná-las com a transformação do espaço geográfico.

A imagem da casa é muito importante na obra de Bachelard, sendo essa “o nosso canto do mundo”. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo” (Bachelard, 2008, p. 24 *apud* Gonçalves, 2010, p. 28). Tal concepção é denominada dialética dinâmica do espaço, na qual espaços representativos e dotados de afetividade são íntimos e ao mesmo tempo universais (Gonçalves, 2010)

O paradigma da casa é tão fortemente associado a uma noção de afeição a espaços íntimos que se transmuta em outras fisionomias como forma de extensão de sua imagem poética, como por exemplo o espaço da igreja, que em seu sentido pleno e ilustrativo representa a casa de Deus, mas também a casa dos fiéis que ali frequentam e dão sustentação ao aparato simbólico movidos pela afetividade que alicerça seu sentido de habitação, que transforma aquele espaço também em lar (Cavalcante, 2011)

Outra contribuição importante nesse sentido é a de Valmorbida (2007), que embasada no pensamento de Bachelard, propõe uma análise do espaço da casa na obra de Maria Quintana, tema recorrente em seus versos e estrofes, na qual através de aspectos como memória, significados e afetividades atribuídas a casa, onde podemos perceber que está ganha uma dimensão poética, a qual a separa de um espaço físico para a um mundo puramente onírico, de representação simbólica.

Dessa forma, podemos depreender que o conceito de lugar humanista fenomenológico é a porta de entrada para o complexo geográfico presente em obras literárias, afinal este representa a geografia do espaço vivido e dos mundos sedimentados no consciente e percepção humana, e esses são os únicos dotados da capacidade de atribuir camadas a determinados espaços, sejam estas físicas ou imaginárias. Assim podemos nos aproximar da dimensão que espaços como a casa, a igreja, a escola guardam dentro de suas estruturas alegóricas, sendo personagens na vida cotidiana das pessoas que nutrem ali uma conexão extremamente particular.

A noção de lugar, bastante importante e prolífica dentro da ciência geográfica, percorreu um longo e sinuoso caminho até chegar na acepção alusiva que possui nos dias de hoje, que nos permite navegar pelos caminhos do imaginário. A perspectiva escalar e locacional por muito tempo esteve atrelada ao conceito de lugar, o que segundo Holzer (2003) acabou por limitar suas possibilidades e a atribuir carga valorativa menor para os geógrafos do que categorias como espaço e território. Ainda na contemporaneidade é possível observar abordagens geográficas, associadas a uma tradição de geografia crítica, que estudam a ideia de lugar a partir de um prisma locacional, como por exemplo Massey (2000) e Santos (2005), que diferem bastante em seus postulados, mas de certa forma interagem à medida que edificam suas ideias acerca do lugar a partir da perspectiva escalar, indo ou na direção de uma construção mais universal do local ou de uma construção local que nega uma racionalidade universal (Gonçalves, 2010).

Essas contribuições nos direcionam a entender o lugar como ambiente da vida cotidiana, no qual comumente são expressos traços particulares de construção coletiva do

espaço. Entretanto, os geógrafos de tradição cultural-humanista perceberam que esta construção não é concebida apenas no espaço concreto, mas também no imaginário, no qual a subjetividade humana teatraliza os espaços de convivência, os tornando sublimes. Essa mudança de enfoques está principalmente associada a nomes como Yi-Fu Tuan e Edward Relph, que embebidos de fontes bachelardianas conduziram a análise geográfica aos níveis do devaneio.

Ao mencionar tais autores estamos falando de expoentes e grandes representantes do pensamento livre dentro da ciência geográfica, e ambos que tiveram em suas formações influência do pensamento fenomenológico. Relph em sua tese de doutorado, *The phenomenon of place*, depois publicado em livro com o título de *Place and placelessness*, é um dos primeiros autores a retomar a obra de Eric Dardel e usar as concepções fenomenológicas de heidegger, além de outros fenomenólogos, para fundamentar suas ideias que alçavam a questão da identidade dos lugares para o centro das discussões, e recorriam a noção de autenticidade para responder dilemas acerca da identidade cultural dos lugares e a construção ideológica destes (Marandola Jr, 2016).

Já Tuan é na opinião de muitos estudiosos da geografia o autor das obras que dão origem ao movimento humanista dentro da ciência geográfica, com seus livros *Espaço e Lugar: Perspectiva da Experiência* e *Topofilia: Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, os quais já carregam em seus títulos toda carga fenomenológica e experiencial atribuída ao espaço pelo autor. Essa carga valorativa atrelada a percepção e ao vínculo afetivo do ser humano com o espaço o engrandece e o torna único, e essa percepção humana em relação ao espaço é moldada através de aspectos culturais, que ditam a nossa assimilação ao entrar em contato com o mundo baseada em experiências anteriores, sejam elas boas ou ruins, o que dá margem para entendermos que o ser humano também molda o ambiente de acordo com sua própria experiência. (Oliveira, 2013). Dessa forma, fica nítido o impacto de pensamentos e conceitos como esses nas análises geográficas contemporâneas, que ficariam ainda mais densas nos próximos anos com o aprofundamento dessas temáticas por outros pensadores.

Destarte, podemos observar a profundidade que o humanismo e a fenomenologia trouxeram para a ciência geográfica, principalmente no tocante a discussões relacionados ao espaço e lugar, categorias de análises que na contemporaneidade apresentam um leque de possibilidades muito extenso, convergindo com aspectos filosóficos e antropológicos, na busca do entendimento dos cenários que permeiam o ser humano e como este molda ou é moldado por esses panoramas.

Outra categoria de análise geográfica que devemos nos aprofundar, principalmente se tratando de temas que destacam as impressões deixados pelo homem no espaço e como este é modificado pelo imaginário e costumes humanos sendo assim imprescindível a uma investigação de cunho humanista, é o conceito de paisagem. Tal noção carece de uma cautela metodológica ao ser analisada devido a suas diversas facetas e possibilidades de interpretações que por vezes acabam enviesando o debate, para além do fato de não ter sido muito aprofundada pela vertente humanista como outras categorias anteriormente citadas. Entretanto, se buscarmos a raiz do que conhecemos por paisagem iremos encontrar uma conexão quase que imprescindível com o conceito de cultura, tanto em abordagens mais clássicas da geografia, como nos trabalhos de La Blache sobre gêneros de vida e suas repercussões na paisagem, até trabalhos mais modernos como o resgate do conceito pela geografia cultural dos anos de 1960 e 1970 (Name, 2011).

Evidente que não podemos nos prender unicamente a debates como esse em uma sociedade pós-guerra, consideravelmente mais uniforme e complexa, nos quais as próprias paisagens acabam perdendo um pouco de seu aspecto identitário, contudo é evidente o conteúdo social presente em tal conceito, afinal está implícito em toda paisagem o seu contexto de produção e as dinâmicas de transformação que a moldaram. O terreno no qual os homens passam e neles deixam suas marcas adquirem camadas culturais e conteúdos os quais o dotam de vida e carga simbólica, os transformando em algo bem maior e denso que um mero espaço. A análise que irá se proceder neste trabalho busca destrinchar todas as camadas do espaço sertanejo, o que o torna tão diverso, múltiplo, apaixonante mas principalmente o que o torna um personagem tão rico nas histórias e inconsciente coletivo comum.

3. DA GEOGRAFIA À LITERATURA: PRINCIPAIS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO CONCEITO DE SERTÃO

Dissertar sobre o sertão é em si um grande desafio. Conceitualmente trata-se de um tema que carrega cerca carga polissêmica em seu cerne e enorme peso cultural atrelado a sua história secular, que associado a uma volumosa produção bibliográfica a seu respeito e muitos projetos de estados que moldaram a imagem/estereótipo do senso comum referente ao sertão e os sertanejos. E mesmo a origem do termo, bastante incerta e derivativa de várias contribuições, sendo as principais advindas de antes da chegada do colonizador português ao Brasil. Entretanto, como podemos definir o Sertão? E seriam tais estereótipos citados representações fiéis acerca do Sertão e dos sertanejos?

Primeiramente, é preciso deixar claro que ao falarmos de Sertão, ou o que está presente na memória coletiva brasileira sobre este, não estamos nos referindo unicamente a Região Nordeste do Brasil, como costumeiramente é feita a associação e por muitos tratado como homônimos. Filho (2011) em seu artigo sobre a palavra sertão traz a contribuição de que para além desses paradigmas, regiões com características de sertão estão presentes em todas as regiões brasileiras, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, e que o mais importante para o pesquisador ao adentrar nesse terreno de investigação é especificar a qual sertão se refere. Consideramos essa perspectiva muito importante não apenas para afastar qualquer tipo reducionismo da análise, mas também com o intuito de engrandecer as diversas particularidades locais das mais variadas comunidades sertanejas. Essas por séculos permaneceram não apenas em segundo plano em termos de política nacional, mas por muito foram consideradas inimigas da nação, do período imperial a república.

Há de se considerar também o fato de que grande parte da linha do tempo considerada oficial, principalmente se tratando do início do período colonial, se tratar de uma historiografia sob ótica eurocêntrica, do ponto de vista colonizador. Portanto, é imprescindível a uma análise sobre o Sertão o constante esforço de aprofundar-se sobre outros enfoques e perspectivas acerca dos desdobramentos e influências culturais diversas que culminaram no espaço que observamos hoje.

Ao abordarmos este tema, buscamos não apenas nos debruçar em um universo rico em termos culturais, tradicionais e geográficos, mas também contribuir para a desmistificação e quebra de paradigmas relacionados ao Sertão. Nesse sentido, visamos trazer ao debate diversas perspectivas e reflexões cruciais, explorando um material que detém um enorme potencial para análise geográfica. A imersão no tema do sertão não apenas amplia nossa

compreensão da realidade brasileira de forma profunda e holística, mas também nos permite identificar oportunidades de transformação e valorização das suas potencialidades. Quando procuramos fugir dos reducionismos e paradigmas acima mencionados abrimos um leque de análises enorme tendo em vista a riqueza simbólica deste tema.

Buscaremos aprofundar essa discussão nos tópicos 1 e 2 deste capítulo, contudo, conseguimos observar vários marcos da história desse conceito sendo construído ao olharmos por exemplo para a história da rica região do Contestado, palco de um dos maiores conflitos armados da história do Brasil, considerada uma das guerras camponesas mais violentas da América do Sul, na qual são percebidas tendências, como a criação de uma imagem/estereótipo de antagonismo frente ao desenvolvimento, e a outras adjetivações associadas à ideia de modernidade, ou mesmo a imagem de inimigos do estado atreladas às populações sertanejas. Sob mesma ótica, miramos a história do povoado de Canudos, outro símbolo da resistência sertaneja, delegado à condição de inimigos da nação e brutalmente reprimidos por tropas federais. A história de Canudos, do seu povoado e da guerra são tratados no livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, livro que para além de retratar os horrores da guerra acompanhados pelo autor, enviado como correspondente para cobrir o acontecimento, faz uma análise sociológica acerca do sertão, do sertanejo e de fenômenos por ele observado. O livro *Os Sertões* dá origem a um movimento literário muito importante no Brasil no início do século XX, o pré-modernismo, movimento que junto ao regionalismo foi a casa de muitos autores e suas perspectivas acerca do Sertão.

A literatura regionalista é um dos principais, se não o principal, fio condutor acerca de histórias sertanejas na literatura nacional como aponta Vicentini (2008), pois a principal característica a respeito de tal movimento está na proposição por parte de seus autores, para além da busca de um embasamento histórico no contexto de criação da obra para concepção de suas narrativas, de entender e reproduzir a identidade regional de determinado recorte espacial, ou seja, as características que fazem uma obra literária um documento verossímil de determinada região, pois o recorte temático e espacial é outro traço essencial do movimento. Sendo assim, a literatura regionalista busca ao máximo pertencer a um determinado contexto histórico e espacial focado pelo autor, procurando enfatizar os principais atributos e particularidades dessas regiões. Com isso, podemos compreender a aproximação de muitos autores que buscavam dissertar sobre identidade regional sertaneja com o regionalismo, como forma de enaltecer esta identidade.

Todo esse material com teor profundamente documental e identitário se constitui como rica base de pesquisa e uma porta de entrada para um contexto histórico específico que

enobrece o espaço sertanejo, pela ótica de pessoas que pertencem a aqueles espaços.

Assim, ao nos deflagrarmos com a tamanha multiplicidade e fluidez temática relacionado a esse cosmos espacial e as possibilidades de enfoques bibliográficos existentes que abordam o espaço sertanejo é preciso estabelecer critérios válidos a fim de não poluir a análise. Desse modo, buscaremos primeiramente analisar os primeiros documentos que mencionam o termo, com o intuito de fazer uma investigação de cunho mais etimológico em atlas, cartas, publicações, cartografias, relatos de viajantes, pesquisas etnográficas abordando sempre o contexto histórico dessas produções, e com isso partir para uma discussão geográfica de como esses aspectos se relacionam ou são advindos do meio ou espaço sertanejo, além de investigar se na atualidade tais atributos ainda fazem sentido ao se tratar de Sertão. Nesse primeiro momento buscaremos investigar os dois principais fatores que formam o conceito, o Homem e o Meio, nesse caso o Sertanejo e o Espaço do Sertão. Posteriormente, visando identificar aspectos como identidade cultural, social, paisagística, geográfica, os conceitos frequentemente associados ao Sertão e com isso atestar as principais nuances da relação homem-espaço, como este moldam um ao outro, faremos uma investigação tendo principalmente como material bibliográfico obras literárias, em especial as pertencentes ao movimento regionalista, que se inspirem no espaço sertanejo para compor suas narrativas, tendo em vista os mais diversos contextos temporários, sociais e espaciais que pertencem essas obras. Tal proposição é bastante complexa tendo em vista que estes são conceitos maleáveis aos mais diversos contextos e aspectos como pensamento social, pesquisas universitárias, projetos governamentais etc (Vicentini, 2008). Entretanto, estando ciente dessas variáveis podemos trilhar um caminho de pesquisa de modo a abrangê-las na investigação.

Ademais, é vital para a discussão abordamos o aspecto físico característico do sertão, pois como vimos no primeiro capítulo do presente trabalho a vertente humanista da geografia busca analisar o espaço através das marcas deixadas neste pela humanidade, e de como aspectos como a imaginação, afetividade, comunidade transformam determinado espaço em personagem da vida cotidiana. Contudo, em se tratando de Sertão tal aspecto é ainda mais imprescindível na investigação, uma vez que as características do espaço por muito moldam o cerne do conceito de sertão e do sertanejo, sejam características associadas à resiliência do homem perante as condições impostas pelo meio.

Com isso, conseguimos observar que ao nos distanciar de visões simplistas acerca do Sertão encontramos um tema complexo e multifacetado, que ao longo dos séculos adquiriu cada vez mais importância tendo em vista as diversas transformações ocorridas no espaço

associados a perspectivas do valores humanos como cultura, sociedade, identidade assim como aspectos físicos de transformações do espaço e paisagem e ao mesmo tempo carrega alguns pilares conceituais reiteradamente associados a sua imagem, como uma espacialidade dotada de atributos hostis, figura do cangaceiro que carrega carga bastante ambígua considerado herói pelo seu povo e criminoso pelos agentes de classes dominantes, a resiliência do povo sertanejo entre outros atributos. Nesse cenário, a investigação em ambos os aspectos é essencial, tendo em vista o seu contexto e as demais variáveis que constroem a conjuntura a ser estudada, sempre considerado a ótica humanista de transmutação do espaço pelo homem a os cuidados metodológicos com a extensa bibliografia relativa ao assunto.

3.1. O Sertão como ele é

“O sertão está em toda parte”

(Rosa, 1988 *apud* Moraes, 2003, p. 2)

Ao pararmos para extrair os múltiplos possíveis significados e intenções dessa afirmação de Guimarães Rosa em sua obra de maior notoriedade, o livro *Grande Sertão: Veredas*, podemos chamar a atenção principalmente para a falta de barreiras ou fronteiras pelo que o autor denomina como Sertão, sendo este algo que não pode ser claramente delimitado, e portanto não se aplicando a este a definição de um local específico no espaço, mas um conceito com considerável maleabilidade e com isso aplicável a muitos locais que partilham de perfil social, físico e cultural similar (Moraes, 2003).

A ciência e o fazer científico por um longo período buscou em seu método analisar os fenômenos através da categorização e a ciência geográfica não foi diferente nesse sentido, pois durante todo o seu percurso de edificação do método geográfico e dos caminhos metodológicos construiu como subproduto desse processo um arcabouço de conceitos que reúnem um conjunto de atributos, físicos e ou sociais, de um determinado espaço em torno do que podemos chamar de categorias geográficas, tais como região, território e algumas outras que já nos aprofundamos no primeiro capítulo como espaço, lugar e paisagem, os quais podemos observar e entender de forma mais didática e objetiva os seus limites administrativos e ou conceituais. Até mesmo o próprio método de geográfico foi ao longo da história dividido de acordo com as orientações filosóficas, sociológicas e históricas distintas que os circunscrevia claramente, sendo a Geografia clássica amparada no positivismo, a Geografia Crítica no Materialismo Histórico-dialético, a Geografia Humanista na Fenomenologia.

Também podemos citar exemplos como a divisão político-administrativas do Brasil, que reparte o território da federação em cinco regiões tendo como critérios para isso aspectos naturais como clima, relevo e hidrografia. Dessa forma, entendemos o quão desafiador é investigar o Sertão, pois este abala as estruturas de análise clássicas ao passo que não se encaixa em uma dessas categorias, mas contemplando padrões de vários desses grupos. Então, precisamos primeiro entender o conceito e depois analisar onde podemos observá-lo e aplicá-lo.

Corroborando a icônica assertiva de Rosa sobre o Sertão, Leitão Junior (2012, p. 9) nos elucida sobre o atributo condicional relativo ao conceito, e como podemos encontrar muitos sertões, devido ao atributo identitário, mas conjuntamente associado a narrativas impostas a este.

Configurando-se mais como uma condição (um qualificativo básico imposto, implicando no processo de valoração de dadas situações locais) do que propriamente um local (materialidade terrestre localizável, passível de ser delimitada e cartografada), o Sertão abriga, ao longo da história, diferentes discursos valorativos referentes ao espaço (ideologias geográficas), em geral, mas não necessariamente, negativos. Assim, nada ingênuo, o qualificativo sertanejo designa, portanto, um qualificativo dos lugares, sempre acompanhado de projetos (historicamente assentados em palavras de ordem como povoação, civilização ou modernização), com vistas à incorporação de tais espaços ao escopo da economia nacional (Leitão Júnior, 2012, p. 9)

Nesse ponto percebemos o uso do termo ideologias geográfica pelo autor ao se referir aos diferentes discursos, sejam elas negativas, irreais e incongruentes com a realidade ou não, que construíram um certo arquétipo narrativo em torno do conceito que por muitas vezes foi usados como forma de argumento de validação para muitos projetos de dominação de sobre regiões caracterizadas como Sertão e a contenção de rebeliões insurgentes frente a opressão e falta de amparo experienciada pelos sertanejos. Tais ponderações podem ser constatadas em uma linha temporal que se estende desde a segunda metade do período imperial até a república, quando os movimentos em prol desses projetos de inserção de regiões sertanejas em uma lógica nacional, em termos principalmente econômicos, ganham força. Entretanto, se regredimos ao período da chegada do colonizador português ao Brasil, que trouxe consigo sua cultura e influências que culminaram na germinação do conceito de Sertão Brasileiro, e o desenvolvimento do processo de colonização conseguimos ter noção das origens de um certo descolamento entre os contextos experienciados em regiões em sua maioria litorâneas e regiões interioranas associadas a espaços sertanejos, e como isso culminou na formação da atual rede urbana brasileira.

Destarte, concluímos que para plena compreensão do conceito em tela é necessário também a contextualização das diferentes etapas do processo histórico referente à construção do conceito, afinal como deixa claro Ferreira Dias (2022) ao analisar o conceito de formação socioespacial de Milton Santos, para a compreensão de todos os aspectos de uma sociedade é necessário conhecimento do desenvolvimento histórico daquela sociedade, atrelados à produção de espaços e os modos de produção. Assim, buscamos investigar os principais marcos que ditam a construção histórica do Sertão atrelado ao contexto de formação social, econômica e espacial de determinada época, assim como todas as influências e étnicas que moldaram o conceito, tendo em vista as constantes transformações na sociedade, para entendermos o que podemos denominar como Sertão.

Em um âmbito geral observamos que o desenvolvimento do país, ao longo de sua história, tem sido marcado por uma série de conflitos, guerras e crises institucionais em várias regiões. Esses eventos estão intrinsecamente ligados aos desafios sociais, econômicos e políticos herdados de um regime colonial caracterizado pela exploração e desigualdade. O legado deste período colonial continua a influenciar o processo de urbanização e o crescimento econômico do Brasil até os dias de hoje, resultando em disparidades regionais significativas.

O período colonial, mais especificamente a chegada do colonizador português e o início do processo de colonização do Brasil e seus desdobramentos séculos depois, são essenciais para entendermos as várias etapas do processo político, assim como as principais configurações da atual urbanização do país e consequentemente o espaço sertanejo, principalmente em questão de narrativa. Outro ponto relevante para a análise, já mencionado no início do capítulo, é o fato de que a linha temporal considerada oficial, se tratar de uma narrativa sob a ótica do colonizador, sendo necessário um constante esforço para se escapar de reducionismos.

Um ponto de partida interessante para a questão apresentada seria a investigação das possíveis origens do termo e o contexto o qual foi usado neste período. Filho (2011) além de trazer algumas análises de definições dicionários, que se debruçam na definição acerca do espaço por meio de atributos físicos e sociais, também busca possíveis origens etimológicas para o termo, algo que jogaria luz sobre sua definição em si. Segundo o autor, não há um consenso sobre a origem do termo, alguns estudiosos como Gustavo Barroso apontam para uma origem derivativa do termo “desertão” ou grande deserto, sendo uma abreviação deste termo, usadas genericamente para descrever áreas equatoriais de grandes vazios, como os

desertos africanos, servindo em termos gerais para designar regiões longe do litoral. Dessa forma, o termo já seria usado antes da chegada do colonizador português ao território brasileiro.

Ainda segundo Filho (2011) é possível encontrar o termo em documentos históricos como a Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal (1500) que continha a descrição das terras encontradas, onde a palavra como o grifo de “Sertaão” é usada para descrever lugares situados longe da costa, assim como no diário de viagem de Vasco da Gama (1498) no qual o termo é empregado com o mesmo sentido de interioridade mas se referindo a uma região da costa africana, algo que reitera a origem do termo em um período anterior a chegada do colonizador português em terras tupiniquins. Algumas outras teses sobre a origem do termo são levantadas pelo autor, tais como as formuladas por Silva (1950 *apud* Filho, 2011) dá origem por antropônimo ou mesmo derivada de uma região interiorana portuguesa, a qual partilha de algumas características com o Sertão que denominamos atualmente. O fato é que a origem do termo em si não é algo concreto ou mesmo puramente fiel a um dos acontecimentos mencionados anteriormente, sendo mais provavelmente uma junção destas atribuições e cargas valorativas, culminando nas designações mais recentes. Dias (2020, p. 4) chama atenção para o povoamento dessas terras designadas de sertão nos primórdios da colonização, ao afirmar que “O sertão na visão do século XVI era aquele que se contrapunha ao litoral, zona terrestre conquistada ou descoberta. No entanto, o sertanejo era alguém desconhecido, provavelmente composto de povos indígenas.”

Assim, partindo desta análise epistemológica, reiterando sempre o contexto histórico de tais fatos que no caso remetem ao período das grandes navegações e colonizações exploratória de vários territórios Africanos e América do Sul e a historiografia contada a partir da ótica eurocêntrica, conseguimos vislumbrar que a concepção do termo em si é algo até mais antigo que a própria colonização brasileira, sendo atribuído quase que em unanimidade a regiões interiores ao litoral, seja na Europa ou África, com características geográficas semelhantes ao território que futuramente viria a ser denominado de Brasil. Os principais aspectos observados nesse contexto histórico então recaem sobre noção de interioridade e regiões desconhecidas ou com pouco povoamento. Essas características, que nos soam muito comuns e simples, de certa maneira ainda perduram nas definições e imagens do Sertão nos dias de hoje, contudo nunca representam de maneira fidedigna a complexidade dos espaços em questão.

Essa evolução conceitual acompanha todo o processo de desenvolvimento social,

político e os diversos ciclos econômicos experienciados na história brasileira, conforme consta no Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras (IBGE, 2009, p. 11 *apud* Dias, 2020, p. 6):

Ao longo do processo de ocupação acontece a evolução para outros significados. O que, inicialmente, designava terras distantes do litoral assumiu novos conteúdos à medida que as estruturas do poder metropolitano se estabeleciam no território, criando a diferenciação de áreas. Como a ocupação se firmava no litoral e a interiorização implicava a penetração em terras densamente florestadas, acidentadas e povoadas por índios (quase sempre tidos como bárbaros pelos europeus), ao sentido primeiro foi adicionado o de terra ignota, desconhecida, perigosa. (IBGE, 2009, p. 11 *apud* Dias, 2020, p. 6)

O desenvolvimento do processo de colonização e o crescente povoamento do território inerente a esse processo adicionavam cada vez mais camadas de complexidade a espaços que já possuíam grau simbólico bem complexo, uma vez que já portavam, por mais que de maneira reduzida e espaçada, povos com suas determinadas culturas e tradições. As “Terras Desconhecidas” partem do ponto de vista colonizador e não implicam em um esvaziamento dessas regiões, nem no continente africano onde tal denominação foi usada provavelmente pela primeira vez, nem no continente americano. Todavia, com o acréscimo de novas influências sociais, culturais e econômicas, avançando sobre o território com a feição de missões jesuítas e a catequização no início e entradas e bandeiras mais para frente e os desdobramentos desses processos em massacres e guerras, as terras começaram a ser mais densamente povoadas e com isso ainda mais diversa, considerando todo o processo de mistura étnica ocorrida desde então.

Amado (1995) resgata uma interessante forma de visualizar a historiografia sertaneja, trazida por Bassin (1991 *apud* Amado, 1995), sendo construída a partir da definição do “Outro geográfico”, que seria a edificação conceitual, principalmente no período de colonização e consequentemente dominação eurocêntrica, baseado em uma dialética de oposição, na qual o sertão é radicado no contraste do litoral, como vimos anteriormente. Contudo, os autores vão além ao traçar um padrão claro de designação por parte dos Europeus na era mercantilista do outro como a oposição total do sua própria imagem, sendo esta civilizada e virtuosa e o outro - principalmente os contingentes populacionais que habitavam as colônias europeias em todo o mundo - com o reflexo da barbárie. Dessa forma, o litoral onde se concentrou boa parte dos esforços institucionais e administrativos representa a imagem da metrópole civilizada, já o sertão o interior desconhecido e dominado por “selvagens”, o outro. A autora ainda chama a atenção para a absorção e evolução do uso do

termo com tal carga semântica por autoridades brasileiras, na documentação oficial e no senso comum, o que ao passar dos séculos se inseriu na comunicação e pensamento social brasileiro.

Com isso, nos é possível entender que no embrião do que veio a se denominar de sertão sempre esteve atrelado a uma carga pejorativa do ponto do dominante, que durante a maturação do regime colonial evoluiu, passando até a designar locais tidos como purgatórios para pecadores (Amado, 1995). Entretanto, a autora também mostra um outro lado, que para a população não pertencente ao comando ligado aos interesses da metrópole, o sertão era tratado como a esperança de uma vida longe da opressão imposta por classes dominantes, como exemplo claro o povoado de canudos. Em síntese, o conceito de sertão necessita de um referencial, o qual é construído a imagem na sua oposição, seja o positivo ou negativo.

Outro recurso se mostra muito relevante, principalmente ao falarmos de aspectos geográficos, sobre as origens e transformações que ocorreram no espaço são as cartografias. Durante todo o processo de desenvolvimento do território brasileiro, ao longo dos séculos, são notórios os registros cartográficos relativos ao sertão, muitos deles praticamente remontam a construção histórica deste sendo usados como documentos oficiais, alguns os quais registram traços de etnias indígenas e outros povos e influências étnicas que moldaram o espaço. Além dos mais, a utilização desta cartografia histórica reforça a importância de aspectos como o da paisagem na análise deste espaço. Contudo é necessário ter um certo cuidado nesta abordagem, tendo em vista a já mencionada impossibilidade de se delimitar precisamente o Sertão, pois este não se encaixa em uma das categorias geográficas já conhecidas, todavia o recurso apresentado nos oferece uma possibilidade mais palpável, por mais que imprecisa, de uma certa edificação conceitual através de meios considerados oficiais a época.

Ademais, conseguimos extrair desses instrumentos cartográficos preciosas contribuições sobre a dinâmica territorial de dado recorte, principalmente se tratando de um território com uma dinâmica colonial imposta que conduziu a ebulição vários processos sobre determinado território expressos através de suas relações de poder, como aponta, Andrade (2022, p. 286)

Mapear significava conhecer o território. Os mapas históricos, especificamente, eram verdadeiros instrumentos de comunicação, posse e estratégia territorial, considerando as imprecisões e intencionalidades, a cartografia revelava a configuração territorial em um dado recorte temporal, não é por um acaso que a “missão” de mapear o espaço colonial era restrito a alguns poucos indivíduos (...) O resultado estático do desenho apresenta indícios e marcas de uma dinâmica vivida no espaço geográfico. Cores, linhas e nomes se articulam mostrando formações urbanas hierarquicamente distribuídas, caminhos terrestres, rede hidrográfica, base

orográfica, engenhos e regiões geográficas, elementos que compõem estruturas espaciais do passado e que, em determinado momento, foram interpretados e desenhados numa escala imprecisa aos olhos do cartógrafo revelando substratos dinâmicos que tanto sustentavam como induziam ações no território ocupado. (Andrade, 2022, p. 286)

Por conseguinte, conseguimos entender mais claramente as possibilidades da cartografia histórica na análise do espaço, assim como suas limitações, como a imprecisão, limitações técnicas que impossibilitam o uso desses instrumentos em uma análise precisa de todo o território, mas principalmente a intencionalidade as quais servem, afinal os meios de produção desses instrumentos pertenciam, em via de regra, ao colonizador e, portanto, representava sua ótica sobre os territórios, algo que ainda segundo Andrade (2022) nós é capaz de evidenciar o poder sobre aquele espaço e principalmente a importância que esta categoria geográfica desempenha na dinâmica social estabelecida.

Nesse tocante, os trabalhos desenvolvidos por Andrade (2022), Ferreira *et al.* (2006) e Ferreira *et al.* (2012) serão muito importantes para a atual pesquisa, uma vez que além de estabelecerem parâmetros e metodologias de análises da cartografia histórica, também trazem muitas contribuições para acerca da construção conceitual do Sertão durante o período colonial, mas também posterior a este, dado que o período imperial e republicano são deveras cruciais para o estabelecimento em meios oficiais do espaço sertanejo.

Dessa maneira, quando vislumbramos tais mapeamentos, sobretudo os pertencentes a contextos históricos relativos ao início do processo colonial, nos séculos XVI e XVII, observamos as representações de espaços interioranos com designações como “desertão”, tal qual as cartas e documentos citados anteriormente e que representavam terras desconhecidas, vazias ou ainda sem a presença do projeto colonizador ao interior do continente, conforme vemos na Figura 2, a qual destaca as capitânicas e povoados ao longo da costa, além de rotas marítimas e algumas barreiras topográficas, mas pouco dizem sobre as regiões do interior do continente.

Figura 2: Nova et accurata Brasiliae totius tabula, publicado por Joane Blaeu, 1640



Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart168860.jpg apud Ferreira et al (2012)

O mapeamento reforça o que foi dito por Andrade (2022) de que essa tecnologia era usada, quase que exclusivamente, aos interesses do império português sendo estes os olhos e principalmente o afirmativo da presença da coroa naquele determinado espaço, e uma vez que ainda não havia um projeto de integração forte dessas áreas, essas continuavam a ter sua representação resumida a uma palavra ou uma sentença que resumem bem o (des)conhecimento sobre aquelas regiões, como podemos ver na Figura 3.

Figura 3: Suíte d u Bresil: depuis la baye de tous lès Saints, 1754



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (BELLIN, 1754) *apud* Andrade (2022)

Nesse recorte, o qual data da metade do século XVIII, nos mostra tamanha discrepância entre essas regiões distintas do país, onde percebemos quase um recorte específico do litoral, muito bem mapeado e conhecido, em detrimento aos espaços mais adentro que possuíam algumas entradas, associadas aos cursos hidrológicos, e algumas vilas mapeadas, como a vila de Santo Antônio do Urubu destacada pelo autor em azul, em virtude da corrida do ouro que se desenvolvia em direção a Minas Gerais, enquanto o restante dessa porção a oeste permanecia com a descrição de deserto.

Assim, nos é palpável a falta, pelo menos em um primeiro momento já que os mapeamentos aqui trazidos datam respectivamente dos séculos XVII e XVIII, de um projeto nacional por parte do império português que envolvessem aqueles espaços, o que de certa forma até condiz com a intenção de estado colonizador que só observa valor em determinado se for atrelado a interesses econômicos e como vimos anteriormente, a expansão para o interior tinha alguns vetores como a corrida pelo ouro (Andrade, 2022).

Não obstante a isso, como já mencionamos anteriormente, essa linha do tempo digamos oficial convencionalmente apaga dos registros, detalhes e pontos de vista imprescindíveis para entendermos a magnitude desses espaços e a sua complexidade principalmente durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Nesse quesito, Kok (2009) nos apresenta a perspectiva da cartografia indígena, e como esse avançado conjunto de conhecimentos espaciais foram utilizados na ascensão portuguesa sobre o território colonial.

Conforme os apontamentos da autora, cartografia indígena diz respeito a um conjunto de técnicas sedimentadas e passadas por gerações através de conhecimento empírico dos territórios e todas suas nuances, aspectos geográficos, como a topografia do terreno, hidrográficas, fauna potencialmente perigosa entre outras particularidades que permitiam uma movimentação sobre espaços bem fechados e sinuosos, além de um arcabouço de mecanismos que permitiam a espacialização dessas preciosas informações. Vários historiadores se debruçam sobre essas capacidades geográficas aguçadas dos nativos e todo esse potencial foi explorado pelos colonizadores.

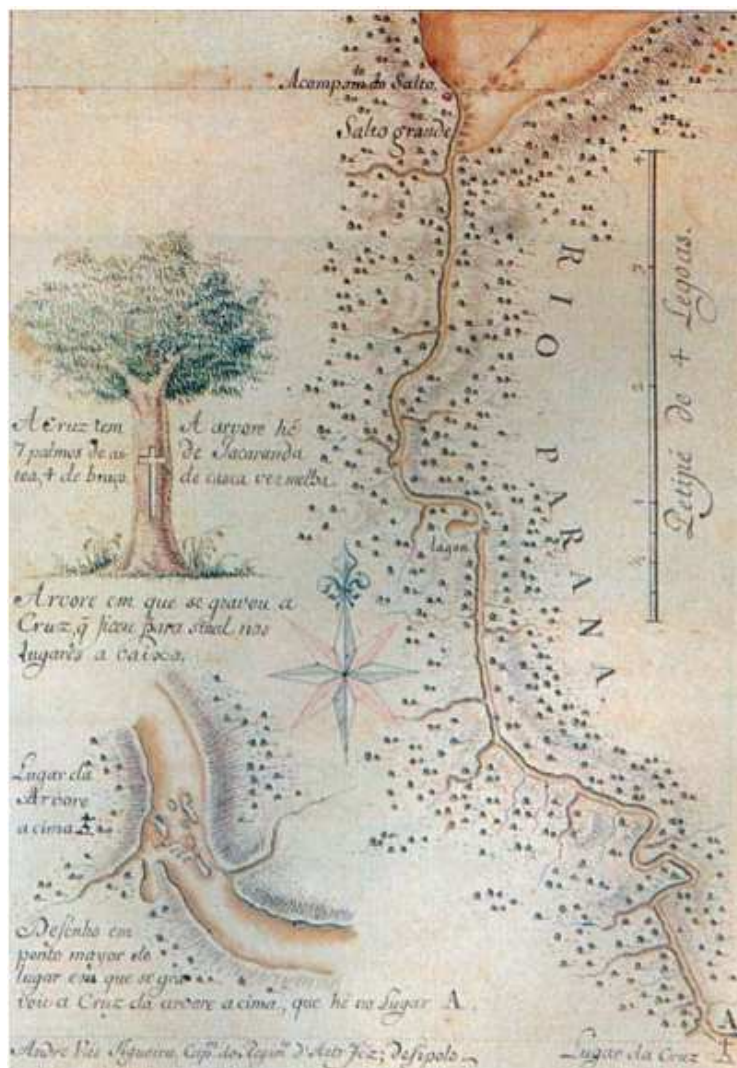
O primeiro ponto de assimilação de técnicas indígenas pelos colonizadores apontado pela autora é a assimilação dos chamados caminhos indígenas, que conectam aldeias e povoados e foi mais tarde usado pelos jesuítas em missões pelo território chamado sertanejo, além claro dos bandeirantes, que durante essa entrada aos territórios foram responsáveis pelo massacre de grande contingente de populações nativas. Outra marca importante desde apropriação incorporadas nos itinerários sertanistas são as marcações de pontos de orientação nas rotas, em muitos lugares marcados por cruzeiros, que mostravam não apenas a marcação dos rumos das trilhas, mas

sugeriu o esforço de tornar familiar e decifrável o ambiente hostil do sertão. Cruzeiros toscos e rudes inscrições em homenagem ao monarca português simbolizavam o conjugado esforço de dilatação da fé e fortalecimento da Coroa lusitana na conquista dos novos territórios (Kok, 2009, p. 95)

Por conseguinte, conseguimos observar esses traços de apropriação e uso de técnicas indígenas no mapeamento colonial na Figura 4, onde vemos os traços de cruzeiros cravados em

árvores e a demarcação do principal caminho de ingresso no território interiorano denominado sertão, no caso os rios e seus afluentes.

Figura 4: Plano do Salto Grande do Rio Paraná e desenho de um jacarandá, onde foi gravada uma cruz para sinal, feitos por André Vaz Figueira em 1754



Fonte: Mapa, 1993, p. 289 *apud* Kok (2009)

Logo, concluímos que o processo de assimilação teve como ponto basilar a necessidade de avanço, inerente ao processo de colonização, e a falta de conhecimento preciso sobre um território vasto e cheio de perigos para viajantes que não lhes eram familiares. O mapeamento desse território se constituiu como um dos subprodutos desse processo, auxiliando na ocupação do território e assegurando a posse deste, funcionando como um documento de registro. Esse quesito de propriedade sobre o espaço se mostrava essencial, uma vez que o iminente avanço espanhol sobre o território denominado América Portuguesa

ameaçava os planos lusitanos nessas regiões.

Com essas explicações, desde a chegada do colonizador até o avanço sobre o território e as consequentes marcas deixadas através das cartografias, buscamos manifestar alguns dos importantes traços e fatos ocorridos que exemplificam o complexo processo de formação espacial, social e econômica do espaço sertanejo. Nesse primeiro momento, destacam-se os desdobramentos ocorridos nos séculos XVI, XVII, XVIII e meados do XIX, quando o conceito ainda carregava a carga valorativa de um espaço inexplorado, genericamente denominado de Desertão ou Sertão. No entanto, após esse período, adquiriu outros significados e representações simbólicas.

A partir do século XIX, com a consequente transformação da colonial portuguesa em Nação independente e a necessidade de maior conhecimento sobre o território, se evidenciou um dos principais problemas trazidos por um modelo colonizador que buscava controle absoluto do conhecimento intelectual produzido sobre a colônia, as cartografias como subproduto desse processo, tendo em vista o processo de domínio geopolítico aplicado a defesa e exploração de tal território, o que resultou em várias lacunas estruturais em regiões não registradas, afinal não atendiam de imediato ao interesse colonizador (Ferreira et al, 2012). Ainda segundo o autor, um dos principais vetores dessa necessidade de maior conhecimento sobre o território a partir de século XIX seria justamente a construção de um projeto de nação, que abandonava a ideia de América portuguesa em busca de uma integração nacional em nome da superação de barreiras e problemas que embargaram o desenvolvimento do estado agora independente.

Essa virada de chave gradual em busca de maior integração territorial visando a construção identitária de nação a partir da primeira metade do século XIX, necessária após o processo de independência da metrópole portuguesa para o desenvolvimento do novo estado brasileiro, e a consequente produção cartográfica representa um marco conceitual importante para o Sertão.

No primeiro recorte temporal que trouxemos, os quais abrangem os séculos XVI, XVII e XVIII, marcado pelo início e desenvolvimento do processo de colonização da chamada América portuguesa constatamos que o espaço denominado de Sertão, que abrangia basicamente todo o interior do continente de modo geral, mas que conceitualmente era tratado como terras ainda inexploradas ou com pouco povoamento, do ponto de vista lusitano, que já contavam com várias populações indígenas bastante complexas e extremamente conhecedoras da geografia dessas regiões, conhecimento esse que foi usado por meio de imposição no

consequente avanço do colonizador sobre o território, algo que deixou muitas marcas e foi expresso em muitos mapeamentos, os quais hoje nos são quase como portais para aquela época, exprimindo uma quantidade significativa de informações sobre dinâmicas políticas, sociais e econômicas responsáveis pela formação socioespacial do território, e em especial do Sertão, servido também como afirmativo do poder da coroa sobre determinada região. A partir do século XIX e seus importantes eventos, tais como a chegada da corte portuguesa ao território brasileiro e principalmente a Proclamação da Independência, e a busca por uma identidade de nação e a integração de todo o território, deram início a uma construção sistemática, baseada em preceitos técnicos e científicos, de uma delimitação de uma região, em seu sentido mais administrativo, associada ao Sertão vinculada ao fenômeno das secas, onde ambas as conjunturas se sobrepunham em vários momentos (Ferreira et al, 2006).

Atualmente, é perceptível o quanto o conceito de sertão está associado a aspectos físicos, como fenômenos climáticos de restrições pluviométricas e solos inférteis, que compõem uma parte considerável de seus significados. Isso se deve, principalmente, ao estabelecimento de um projeto que visava o desenvolvimento da nação como um todo, como discutido anteriormente, e, com isso, à implementação de medidas para enfrentar esses desafios, que tanto dificultavam a vida das populações residentes nesses espaços quanto impediam o pleno desenvolvimento das regiões, conforme aponta Ferreira et al., (2012). Aqui reside a principal diferença em relação ao projeto colonial, ou, mais especificamente, à ausência de um projeto que buscasse organizar os recursos disponíveis nesses espaços em prol de um crescimento comum. Essa falta de planejamento impactou diretamente a concepção semântica do espaço denominado sertão, em contraste com os períodos do Império e da República, nos quais se buscava, por meio do conhecimento técnico e cultural, propor medidas para desenvolver a região, enfrentando seus principais desafios.

Desse modo, alguns dos principais atributos que exemplificam essa nova fase da construção histórica e conceitual do sertão, conforme descrito por Ferreira et al. (2006) e Ferreira et al. (2012), nos guiam no processo de estruturação histórica. Considerando uma ordem cronológica dos acontecimentos mencionados pelos autores, um dos elementos a serem destacados inicialmente são os desdobramentos do método iniciado pelo novo projeto de nação anteriormente mencionado. Esse projeto, ao buscar nomear e enfrentar os problemas decorrentes da estiagem e da escassez de recursos na região sertaneja, localizada geograficamente a nordeste do território nacional, onde tais fenômenos climáticos são predominantes, acabou por vincular, intencionalmente ou não, as diferentes facetas do sertão às dimensões mais relacionadas à região nordestina do país. Isso inclui o bioma caatinga e as

zonas rurais e áridas.

Esse processo é evidente ao observarmos as articulações técnicas e representativas produzidas por autoridades a mando do governo federal, com o objetivo de atenuar os desafios gerados na região pela grande seca de 1877-1878. Seguindo um fluxograma que incluía a delimitação da região seca e a proposição de medidas para integrá-la ao restante do território, buscava-se facilitar o escoamento de mercadorias e o fluxo de pessoas por rodovias e ferrovias. Isso é demonstrado na cartografia produzida a partir do trabalho de André Rebouças (Figura 5), engenheiro e idealizador dos principais projetos de infraestrutura para a região no final do século XIX. Segundo os autores, essa cartografia seria uma das primeiras representações na delimitação da região seca e na sobreposição do vazio denominado *desertão* ou *sertão* nas cartografias coloniais com as regiões sertanejas a nordeste (Ferreira et al, 2012).

Figura 5: "Mappa Região Flagellada pela Seca de 1877"



Fonte: Arquivo Nacional; Acervo digital do HCUrb *apud* Ferreira et al. (2012)

Esse apontamento mostra em primeiro lugar um certo marco inicial na guinada

conceitual do sertão, apegado agora principalmente a questão da seca e a fatia territorial situada a nordeste, considerando o ponto de vista oficial e administrativo, não cabendo, entretanto, a sua restrição total a esta parcela espacial a fim de não se cometer equívocos do ponto de vista epistemológicos. A oficialização e delimitação do sertão implicava na sua instrumentalização e organização em prol do desenvolvimento, algo considerado inédito até então.

Umas das primeiras demonstrações práticas da aplicação do arcabouço técnico construído acerca da região em prol da luta contra as constantes estiagens foi a construção do açude Cedro, na cidade de Quixadá-CE, o primeiro açude do Brasil, que teve seu projeto designado ainda durante o período imperial e se prolongou até metade da década de 1900, quando foi entregue, iniciando a mobilização em prol da viabilização de outros açudes na região (DNOCS, 2023). Essa obra é até hoje para região uma das mais importantes para a região, tendo em vista não apenas a melhor infraestrutura para combate de períodos de estiagem, como também a simbologia do combate ao esquecimento experienciado por séculos por aquelas populações.

Figura 6: Açude Cedro



Fonte: Portal Gov.com - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (2022)

O acúmulo de conhecimento técnico derivado da investida em direção ao desenvolvimento da região somado ao movimento em favor de obras de melhoramento de infraestrutura na região é estabelecido de maneira institucional na criação da Inspetoria de Obras Contr as Secas (IOCS) em 1909 (Ferreira et al, 2012), órgão nomeado durante a

década de 50 como DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), responsável por inúmeras obras de infraestrutura e desenvolvimento na região delimitada pelo polígono das secas, notadamente açudes como o de Orós e Banabuiú, além de outras importantes obras que até os dias de hoje reverberam na região.

Outra importante ação institucional em âmbito nacional, voltada para o fomento do desenvolvimento regional, foi a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) em 1959. Essa iniciativa teve como objetivo mitigar as acentuadas desigualdades regionais, especialmente em relação a outras áreas do país, como o triângulo São Paulo-Rio-Minas. A criação da Sudene também foi influenciada por eventos recentes, como a seca de 1958 e o consequente êxodo populacional, que continuavam a agravar as disparidades regionais (FGV, 2024). Essa, assim como algumas outras articulações governamentais, como por exemplo a criação do Conselho do Desenvolvimento do Nordeste (Codeno), representavam uma série de ações estatais em busca de um desenvolvimento estrutural da região através da injeção de investimentos e direcionamento técnico.

Diante do exposto, é evidente que desde os períodos mais remotos e iniciais do processo de colonização até seu estabelecimento e superação, o território da América Portuguesa era marcado por diversas barreiras, não necessariamente físicas, que o dividiam em regiões bastante isoladas. Nessas áreas, a integração com o restante do território, seja por meio do acesso ou da comunicação, era praticamente nula. Isso, claro, se deve tanto às limitações técnicas do período histórico quanto, como já mencionamos, à intencionalidade do processo colonizador. Esse desafio foi herdado pelos gestores do período pós-independência e se manteve evidente em boa parte do século XX. Por conseguinte, é possível compreender o impacto do projeto institucional na construção histórica e conceitual do sertão, sendo essencial na atual pesquisa para a contextualização dos processos históricos que construíram o conceito e nortearam o processo de produção cultural acerca, tais como os aspectos de construção social por meio de parâmetros como a literatura e a imprensa, que serão aprofundados no próximo tópico, afinal estes são atributos primordiais na edificação e enquadramento do conceito de sertão.

3.2. A ótica sertaneja na literatura: Diferentes abordagens como paisagem e personagem

Abordando-o, compreendeu que até hoje escasseiem sobre tão grande trato do território que quase abarcaria a Holanda (...) notícias exatas ou pormenorizadas. As nossas melhores cartas enfeixando informes escassos, lá tem um claro expressivo,

um hiato, *Terra ignota*, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras. É que transpondo o Itapicuru, pelo lado do sul, as mais avançadas turmas de povoadores estacaram em vilarejos minúsculos (...) Uma ou outra o cortou, rápida, fugindo, sem deixar traços. Nenhum lá se fixou. Não se podia fixar. O estranho território, a menos de quarenta léguas da antiga metrópole, destinava-se a atravessar absolutamente esquecido os quatrocentos anos de nossa história (Cunha, 2000, p. 26)

Ao atravessar por numerosos marcos da história sertaneja, e por que não da história brasileira, testemunhamos vários aspectos da construção social, territorial e delimitação conceitual desde, cabendo a cada atributo carga significativa nessa composição bastante complexa. Contudo, uma característica que sempre permeou o conceito de sertão, sendo quase intrínseco a este, é o seu isolamento em relação ao país. Esse fator, ainda durante a atualidade, se mostra um grande empecilho ao desenvolvimento pleno de muitas regiões do país, que dentro de uma hierarquia urbana nacional possuem pouca integração com os grandes centros. Durante o tópico anterior conseguimos vislumbrar algumas razões por trás dessa construção espacial, e principalmente os desafios enfrentados durante os séculos XIX e XX em decorrência desta razão, afinal, a segregação de contingentes populacionais em diferentes parcelas do território de proporções continentais acabou por moldar várias nações dentro do mesmo país, e algumas dessas fatias acabaram, por muitas vezes, sendo quase que esquecidas, tanto pelo poder público, como por grande parte do contingente populacional que habitava nos grandes centros. Dessa forma, abriu-se margem para disseminação significativa de narrativas acerca destas regiões do país, a terra e a população que nela habitava, algo que moldou a persona por trás do sertão.

A construção/produção histórico-narrativa acerca do sertão tem sua principal impulsão nos pós independência, como vimos no tópico anterior, por fatores relacionados principalmente a finalidade de edificação social, econômica e cultural, as quais esbarravam principalmente na pouca integração nacional e nos baixos índices de desenvolvimento humano de regiões interioranas. Contudo, não se deve confundir ou mesmo afirmar que partindo de determinado marco histórico o sertão e principalmente os sertanejos passaram a usufruir de grandes benefícios, mas sim ganharam certo destaque em um cenário nacional, que transitava no espectro de cunhos negativos e positivos, sendo o inferno ou purgatório de uns e o paraíso para outros.

O acesso aos mais diversos recursos sempre se mostrou uma dificuldade tamanha atribuída principalmente a alguns fatores como proporções continentais do país e o tipo de

colonização que se desenvolveu, que mirou primariamente na extração e exportação, através de rígida burocracia estabelecida, principalmente de riquezas agrícolas e minerais. Dessa forma, ao falarmos de acessos pensamos em uma via de mão dupla, na qual reais informações sobre o que se passava nessas parcelas do territórios não se difundiam com facilidade nos grandes polos regionais, fato esse que começou a mudar de maneira discreta no século XIX, com o estabelecimento do polígono das secas e as notícias que corriam na imprensa acerca da grande seca de 1877-1879 (Ferreira et al, 2006), ocorrida no nordeste brasileiro, cartografada no trabalho técnico de André Rebouças, como vimos anteriormente.

Decerto, aliado ao fator de isolamento, o estabelecimento do polígono das secas, os grandes períodos de estiagem e grande bagagem de estereótipos acumulados ganharam mais força na conceituação sertaneja, grande parte associado a vetores de comunicação como a imprensa e a literatura, o que nos esclarece a associação direta do conceito de sertão ao nordeste brasileiro. Ferreira et al, (2012, p. 3) nos traz uma síntese do que podemos entender como a narrativa presente no pensamento social acerca do Sertão já no começo do século XX, como a incorporação dessas adjetivações, sendo:

do vasto interior, como no registro português original do período colonial, o sertão torna-se praticamente uma metonímia do interior das secas, da região marcada por uma paisagem múltipla que enfrenta, ciclicamente, longos períodos de irregularidades pluviométricas. (Ferreira et al, 2012, p. 3)

Assim, é de fundamental importância entender como essa ampliação conceitual do sertão ocorreu em vias sociais e culturais, as quais correm em paralelo e sendo influenciado diretamente por canais técnico-oficiais, onde vemos a bagagem e força de propagação de atores como a literatura nacional, principalmente em movimentos como o regionalismo, que colaboram na difusão de muitas vertentes desses espaços, sendo muitas condizentes com a realidade e outras não, onde vários autores criam cenários nos quais figuram universos representativos que transcendem a ficção. Vicentini (2008, p. 187 e 188) afirma que:

o discurso narrativo sempre cria, inventa uma representação verossímil de mundo, o que significa que ela expressa também um imaginário e uma mentalidade, ou visão de mundo ou ideologia (...) porque toda narrativa, qualquer que seja, apresenta esse embasamento histórico para a criação de mundos fictícios representados. (Vicentini 2007, p. 187 e 188)

Dessa forma, movimentos literários específicos e narrativas disseminadas em veículos de comunicação em massa são fontes abertas para o pensamento social e senso comum de

dado momento específico. Qualquer narrativa objetivamente é carregada de enorme viés, sendo este baseado na conjuntura histórica a qual está inserido. A própria concepção de sertão associado quase que imediatamente com a noção de irregularidades pluviométricas e semiaridez se mostra um tanto quanto incompleta, afinal nem todos os sertões do Brasil possuem tal característica como sendo predominante em suas narrativas históricas, contudo podemos entender tal coligação ao explorarmos o contexto de produções culturais, técnicas e transformações sociais ocorridas no país nos diferentes momentos históricos, substancialmente em épocas de maior disseminação em massa de informações, no caso, final do século XIX e início do XX com a instauração da velha república.

É importante aqui entender o contexto por trás dos movimentos literários vigentes neste período, os movimentos que foram forjados nessa época e a razão pela qual o sertão é escolhido com locus de tais movimentos, uma vez que como exemplificado em muitos momentos no presente trabalho o sertão não se tratava de uma categoria que costumava ocupar o holofotes do pensamento social brasileiro. Sena (2007) nos apresenta uma perspectiva que permite observar o crescimento dos usos da noção de sertão principalmente a partir do advento da república, em obras literárias e sendo foco central de pesquisa de muitos pensadores importantes no período e as implicações disso a partir do contexto social de então, que como vimos no tópico anterior, se moldava a partir da necessidade de integração nacional no pós independência para construção da percepção de nação, que buscava em primeiro lugar se conhecer e buscar nas suas origens o verdadeiro sentido de ser brasileiro. Nesse sentido, a autora observa nos movimentos literários construídos a partir dessa premissa fontes ricas para pesquisa antropológica para o entendimento dos diferentes lados da sociedade, pois a partir de determinado contexto as escolas literárias tinham um apelo maior de edificação cultural em detrimento a métricas artísticas rígidas dos movimentos vigentes até então, sendo moldado pelo traço peculiar da confluência entre ciência e arte (Cândido, 1975 *apud* Sena, 2007). Conseguimos ver a mudança de ares motivada por uma moção nacional de enfrentamentos de problemas nunca antes refletidos na história do Brasil colonial, o que também contribuiu para o estabelecimento do estereótipo de região problema do país (Almeida, 2021).

Partindo dessa premissa expressa pela autora podemos começar a investigar a origem das expedições intelectuais rumo ao sertão, as quais tinham caráter distinto, sendo as de veia mais técnica almejando conhecer as diversas nuances físicas do espaço, como este se caracteriza e como integrá-lo ao restante da nação. Já estudiosos de cunho mais antropológico/social buscavam o locus de nacionalidade e encontraram no sertão um espaço

que estava temporalmente deslocado em relação ao restante do país, que resistiu a modificações durante o século.

Em tal ótica, fica explícito o motivo pelo qual vários autores começaram a olhar para o espaço sertanejo de maneira romântica e de certa forma até idealizada, pois tinham ali um ambiente que conservou, principalmente devido a seu isolamento, o que de fato é ser brasileiro, em termos étnicos, culturais e também econômicos, o que preenchia as lacunas em busca da construção de uma imagem unificadora para substituição do ideal europeu, e dessa forma alguns movimentos literários foram moldados como forma de construir tal imagem, buscando uma total nos enfoques e construções narrativas, sendo um ótimo exemplo disso a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que para além do mencionado rompe com a tradição de escrever sobre o Brasil com olhos europeus (Sena, 2007).

Essa obra em específico representa muito para a investigação do que de fato se entende como sertão, uma vez que aborda de maneira bem profunda e visceral os conflitos do campo, por meio de uma pesquisa etnográfica bem abrangente que enfoca no homem e meio em sua narrativa histórica acerca do conflito de canudos. Sena (2007) aponta que a busca pela definição do que seria sertão parte do estranhamento com esse, logo seria algo que parte de fora, e é o caso de Euclides, que ao ser enviado para cobrir os acontecimentos em voga esperava encontrar algumas regiões desconectadas economicamente do restante do país, mas se deparou com um sociedade baseado em modos de vida e organização bem diferentes do restante do país, o que lhe impulsionou a entender o sertão, que se mostrava ali quase como que um país a parte do qual estava acostumado.

Ferreira *et.al* (2006) afirma que existem algumas obras que mudam completamente o estado da arte acerca de determinado tema tamanha sua complexidade, e esse é o caso de *Os Sertões*, que apesar de está inserida no contexto de um pré-modernismo contém bastante dos preceitos desse movimento e dita altera completamente a percepção acerca do sertão para toda sociedade, representando assim um marco histórico para o conceito. O presente exemplo nos mostra o impacto de uma obra literária de caráter bastante antropológico na delimitação das fronteiras conceituais de espaço em si, e para além disso, também mostra de maneira bem significativa a importância do aspecto humano na transformação do espaço para região, cidade ou lugar, que em si representa mais que um lugar meramente do ponto de vista locacional, mas sim uma forma de organização social, baseada primariamente através do ritmo da natureza (Sena, 2007). Claramente, se trata de uma obra em particular que aborda o tema a qual temos inúmeros exemplos para tratar, como ainda no século XIX com o romance *O Sertanejo*, de José de Alencar, além de outras obras de autores como Coelho Neto e

Franklin Távora, e já no século XX com autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.

Esses autores, além de muitos outros, representam, ou possuem obras dentro do escopo da chamada literatura regionalista, que se trata da vertente da literatura nacional que tem no sertão um dos seus temas mais recorrentes, sendo impulsionada pelo movimento em direção ao sertão motivado no período de velha república. Vicentini (2008) nos traz contribuições muito importantes acerca de como essa corrente encontra no espaço sertanejo seu locus. Primeiro que essa corrente engloba alguns conceitos bem escorregadios segundo a autora, como o de região, que é delimitado por:

um mundo já elaborado, matéria pronta, que enfatiza espaços físicos, história, usos, costumes, imaginários específicos e regimes interpessoais (exóticos ou não), cobertos pela experiência no sentido benjaminiano do termo, cujo conteúdo se resolve num poema ou numa narrativa, ambos fictícios (Vicentini, 2008, p.187)

Tal acepção nos denota um espaço interpolado de várias camadas sociais, que de acordo com suas similaridades ou não se familiarizam ou não. Isso nos traz a percepção da forte conotação de identidade regional que move a literatura regionalista nacional, algo denominado por Vicentini como identidade grupal, o fator essencial para a vertente que busca se encaixar como um documento pertencente a determinado momento histórico específico, sendo o mais documental possível e produzido por nativos dessas regiões, noção essa defendida por escritores regionalistas, que tem como ponto de partida manifestações de sertanismo árcade e romântico no século XVIII e XIX como autores como Cláudio Manuel Costa e Alfredo Taunay.

Esse movimento literário é importante para entendermos a evolução do conceito de sertão primeiro por ter como temática principal o mundo do campo, segundo pois deixa bem claro que apesar de o conceito ser empregado quase que sem nenhuma distinção do ponto de vista etimológico em todo o país existem diferenças significativas nos espaços que entram dentro do escopo do tema nas diferentes regiões brasileiras, principalmente por se tratar de uma país de tamanho continental, que abrange contingentes populacionais nada homogêneos. Dessa forma, a literatura regionalista surge como um aporte documental de enaltecimento das particularidades, num universo do mundo rural, contidas nas diversas camadas presentes no espaço. Essa noção é muito importante, como vimos durante todo o trabalho, para não cometermos equívocos narrativos do ponto de vista reducionista.

Destarte, as diferenças mencionadas ficam latentes ao encarmos a literatura documental produzida nesse contexto, como por exemplo o fato da noção de sertão

intimamente ligado à ideia de seca ser predominante na região nordeste do país, onde é delimitado o polígono das secas, e ao miramos para coordenadas como o sudeste no estado de Minas Gerais temos como a principal marca a mineração em épocas coloniais e ao descemos ao centro oeste já encontramos marcas de um bandeirantismo, com a temática de terras a serem exploradas, forte nos documentos (Vicentini, 2008).

Decerto, a categoria sertão passa a ser item essencial para se entender o que de fato é a nação brasileira, angariando investigações interdisciplinares, que miram esclarecer/aprofundar os conhecimentos sobre uma categoria que apesar mesmo depois de todos os avanços ainda permanece bastante difusa, embora mais integrada com o restante da nação.

De fato, ao analisar cada uma das camadas que envolve todas essas coordenadas separadamente se mostra um tanto quando incompleto, uma vez que os muitos sertões pelo Brasil são resultado da confluência de inúmeros fatores, mas principalmente da interação homem e meio, afinal a carga simbólica de determinado espaço lhe é conferida pelo componente humano que por sua vez vê o espaço e lhe atribui o pertencimento. Esse aspecto é muito importante para o sertão tendo em vista a narrativa de luta histórica de suas populações ao abandono que por boa parte da história lhes foi imposto. Ao olharmos para essa temática sob perspectiva da geografia humanista conseguimos dialogar com outras áreas do conhecimento, em especial a literatura regionalista, que nos dão a completude que precisamos para desbravar as veredas sertanejas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscamos encontrar o que está contido no âmago conceitual do tema sertão, com uma pesquisa de caráter bibliográfico, é necessário primeiramente entender a essência desta categoria de análise e o porquê de ela ser tão importante não apenas para a história recente do país, na qual são encontrados mais registros acerca do que se convencionou a se chamar de sertão, mas para todo o processo de formação socioterritorial do país.

A escolha do método humanista, mais especificamente da abordagem da geografia literária parte justamente da compreensão da complexidade da temática e da percepção que o espaço geográfico se molda não apenas por processos de natureza física, mas de maneira similar é moldado pelos rastros culturais e históricos a ele aferido, o que lhe confere uma identidade única associado às inúmeras narrativas construídas no relativo espaço. Dessa forma, ao abraçarmos a fenomenologia, metodologia usada pela geografia humanista, buscamos valorizar o aspecto humano inerente ao espaço geográfico, algo que transcende a percepção e conceito de espaço *stricto sensu*, abrindo lacunas para categorias de análise como a de lugar, paisagem, região etc. Tais metodologias abrem as portas para interdisciplinaridade, algo que nem sempre foi bem quisto pela ciência geográfica, principalmente por pesquisadores de caráter positivista, contudo oferecem ferramentas diversificadas para os estudos geográficos.

De fato, é deveras complicado pesquisar a respeito da experiência humana em determinado espaço e nas transformações ocorridas a partir dela sem recorrer a outras disciplinas, como história, filosofia, antropologia e no caso do atual trabalho a literatura, afinal boa parte do conhecimento documental que se possui acerca do sertão foi escrito sob a linguagem literária. A compreensão dessa produção sobre o espaço e os processos de natureza social, culturais e econômicas como não apenas uma fonte de pesquisa, mas como forma de se conceber uma visão holística relativa a todos os processos de permutação e atribuição de camadas de complexidade a um espaço motiva a geografia humanista e a presente pesquisa na busca da conceituação do sertão.

O conhecimento do que se entende por sertão brasileiro parte primariamente dos processos socioterritoriais que se desenvolveram no país durante toda a sua história, principalmente a partir da chegada do colonizador português, embora o etimologicamente, como vimos no capítulo anterior, sua origem seja bem mais antiga. Contudo, discussões sobre

origens de termos se mostram bastante infrutíferas se não forem acompanhadas do desenvolvimento a partir deste, uma vez que o que se entendia como sertão no século XV se mostra muito simplista para entender o que é o sertão hoje.

A análise dessa evolução partindo de marcos temporais chaves para a concepção geral nos oferece possibilidades interessantes, sendo uma delas entender o contexto histórico específico que motivou tais mudanças e a partir de quando determinadas conjecturas começam a ser decisivas. O histórico de produções cartográficas nos permite observar de maneira minuciosa a produção acerca desse espaço em diferentes épocas, cada uma lastreada por suas convenções temporais, sendo a produção durante o período colonial quase nula partindo para o auge de produções acerca do tema motivados pelo projeto de integração nacional, algo que impulsionou a produção bibliográfica sobre o sertão. Uma vez que se sabia muito pouco sobre vasta parcela territorial do país não era possível integrá-la ao novo projeto de nação.

Contudo, a ausência desse conhecimento também nos diz muito a respeito do processo colonial que se desenrolou no país, principalmente nos séculos XV e XVI, algo que espanta autores como Cunha (2000) ao se depararem com tamanho abandono. Em uma lógica colonial, todo território do gigante “sertão” se tratava de um espaço a se explorar e que também representava importante domínio sob porção territorial das américas, mas nunca algo que se traduziu em projeto de integração. A mudança de rumos no processo de produção do espaço no pós independência muda verticalmente essa lógica. Agora, se buscava desenvolver a nação como todo, mas para isso é necessário conhecer.

Assim, todo movimento técnico, científico, geográfico e literário que passou mutuamente a convergir em direção ao sertão tinha o objetivo claro de identificar todas suas nuances físicas e humanas, para assim preencher uma lacuna histórica em relação a essas regiões, com um primeiro passo claro de se primeiro ter uma definição, para nortear o rumos das discussões sobre as origens do país, o que como foi discutido acaba por limitar muito seu sentido completo. A delimitação do polígono das secas e a designação de esforços destinados ao combate às crises hídricas na região nordeste do Brasil, além do fato de esta região abrigar grandes terras denominadas sertão pelos colonos, acabou por praticamente torná-los sinônimos. Os próprios nativos assim se denominam, como vemos em vários exemplos de escritos, contudo não é oportuno tornar essa associação como sua totalidade, afinal existem muitos sertões pelo Brasil, cada um com suas peculiaridades, unidos pelo linha semiótica de significados comuns ao espaço sertanejo.

Ao analisarmos essa guinada pela ótica da literatura percebemos movimentos sendo

formados a partir dessa valorização, por assim dizer, do espaço sertanejo e principalmente por autores de “dentro”, como eram definidos os nativos que escreviam usando o sertão como palco de suas narrativas. Movimentos como Modernismo, sobretudo sua terceira geração, Romantismo e principalmente o Regionalismo foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento semiótico do sertão, ao se aprofundarem no tema e procurar desenvolvê-lo ao ponto de estabelecer diversos significados que passaram a ser associados a essas narrativas.

O regionalismo foi o movimento de que mais desenvolveu o caráter documental que buscava estabelecer o que o sertão e principalmente estabelecer suas peculiaridades de cada região, afinal eram muitas em todo o país, considerando as inúmeras origens raciais, culturais das várias regiões de um país de dimensões continentais, que por vezes não sofrem com seca, mas ainda sim se enquadram como sertão, por fatores de interioridade e principalmente ser regido pelo tempo da natureza e não a uma lógica de produção industrial.

É importante perceber que esse movimento nasce em um período que o Brasil estava em busca de suas raízes no período pós independência e encontrou no espaço sertanejo o tempo cristalizado pela falta de influência externa. Dessa forma, a literatura e imprensa como os principais veículos de comunicação da época adentraram o imaginário popular com representações sertanejas, o que contribuiu muito com estereótipos dessas regiões. Dentro do movimento literário podemos citar algumas obras que sintetizam bem esse movimento e influência desempenhada na estruturação imagética e conceitual do sertão, como a emblemática obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, que demonstra o caráter de choque de uma elite intelectual perante a vastidão e a ao mesmo tempo a escassez presente naquelas regiões, o que contribui para a pesquisa e descrição minuciosa da terra, homem e luta perante a opressão e abandono pelo restante da sociedade.

Ressaltando também o contexto literário da obra, no caso o movimento pré-modernista, que foi muito criticado por autores regionalistas por olhar para o interior com olhos e métricas européias, assim como também fazia o romantismo. Contudo é inegável a importância e influência de tais movimentos para a lapidação do conceito de sertão, considerando ainda as outras gerações do modernismo de autores como Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, que são autores nascidos no sertão e que construíram tramas fidedignas ao universo sertanejo que acabaram por moldar algumas personalidades muito comuns sobre o tema como o caso dos retirantes da obra *Vidas Secas*. Em um primeiro momento a literatura se mostrou como grande difusor de imagens acerca do sertão, contudo durante o século XX outras mídias começaram a ganhar mais força e reforçar certos ideários sobre a temática, como o cinema e as artes plásticas. Um exemplo muito claro a respeito é a pintura de Candido

Portinari, *Os Retirantes*, que retrata a imagem de uma família de retirantes emigrando do sertão.

Outro ponto importante e comum a quase todas as obras que tratam sobre a temática do sertão é o ressaltar a questão das dificuldades enfrentadas em decorrência de problemas como a seca, abandono do poder público e a resiliência do povo sertanejo em enfrentar tudo isso.

Destarte, nos é primordial primeiramente reconhecer o poder do aspecto humano na transmutação do espaço, não somente no aspecto físico, mas especialmente simbólico. Com o presente trabalho buscamos entender as diversas formas de produção do espaço, mais especificamente o espaço sertanejo, para a partir disso conseguir vislumbrar suas diversas etapas e marcos que o direcionaram para a identidade atual, e ao se falar de sertão toda a dinâmica de desenvolvimento conceitual nos diz muito sobre toda a histórica e dinâmica territorial do país.

Consideramos ainda que o presente trabalho tem suas principais contribuições para uma contínua diversificação de perspectivas e abordagens na ciência geográfica, uma vez que busca usar uma vertente que tem ganhado muita força ultimamente e reforça a importância do espaço vivido na análise da transmutação do espaço e demais categorias de análise geográfica, além de colaborar no desvelamento conceitual do sertão, principalmente em sua perspectiva humana.

O ser humano não é unidimensional e não deve ser tratado como tal. A ciência também não é unidimensional e portanto busca as mais diversas interações no intuito de se conceber resultados, discussões e aprimoramentos sobre antigas conjunturas. Nesse cenário, ao se tratar de um universo tão particular e profundo como o sertão, um complexo geográfico e humano, os mais diversos campos do conhecimento contribuem mutuamente com as direções a serem seguidas rumo ao bojo simbólico deste complexo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. O Sertão nas artes: : o cangaço e a imprensa ilustrada. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 16, p. 01–17, 2021. DOI: 10.5965/1808312915252020e0041. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17653>. Acesso em: 19 out. 2024.

ALMEIDA, Maria Geralda de. EM BUSCA DO POÉTICO DO SERTÃO. **Espaço e Cultura**, [S. l.], n. 6, p. 33–43, 2012. DOI: 10.12957/espacoecultura.1998.3581. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3581>. Acesso em: 15 fev. 2024.

AMADO, Janaína. Região, Sertão e Nação. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 15, p. 145-152, 1995.

ANDRADE, Adriano Bittencourt. ESPAÇO, TEMPO E IMAGENS: A CARTOGRAFIA HISTÓRICA SUSTENTANDO ANÁLISES SOBRE O SERTÃO BAIANO SETECENTISTA. **Revista Espaço e Geografia**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 283:309, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/39944>. Acesso em: 27 jun. 2024.

AQUINO, A. F.; SILVA, M. V. DA. A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra “O homem e a terra”. **Geograficidade**, v. 11, n. 2, p. 101-116, 13 set. 2022.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

BORGES, J. de A. Os enfoques e os olhares do geógrafo: uma abordagem metodológica sobre método, metodologia e técnicas de pesquisa. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, [S. l.], v. 7, n. 19, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/45851>. Acesso em: 2 set. 2023.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Orientador: Livia de Oliveira. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 2016.

_____. **A casa da mãe de Deus comporta o (outro)mundo: dinâmicas geográficas no santuário de Fátima em Fortaleza-CE.** 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

_____. A dimensão do habitar na obra *A casa*, de Natércia Campos: um olhar geosófico / The dwell dimension in the writting *A casa*, by Natércia Campos: a geosophic view. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 32-43, 14 jan. 2012.

_____. Por uma geografia literária: De leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 191–201, 2021. DOI: 10.5418/ra2020.v16i31.12100. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12100>. Acesso em: 30 ago. 2023.

COLLOT, M. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá**, v. 17, n. 33, 31 dez. 2012.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. 21. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. 608 p.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS (DNOCS). *Cedro: o primeiro açude do Brasil*. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/nossas-historias/cedro-o-primeiro-acude-do-brasil>. Acesso em: 18 ago. 2024.

DIAS, Paula Regina Pereira Dos Santos Marques. O SERTÃO E O SERTANEJO: um Brasil de vários sertões. **Revista Científica Novas Configurações: diálogos plurais**, v. 1, p. 4-11, 2020.

GARCIA, Gustavo Gabriel. **A terra prometida: geografia e literatura enquanto representação do espaço vivido**. 2020. 107 f. Dissertação (mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, 2020, Maringá, PR.

GONÇALVES, Leandro Forgiarini de. **O estudo do lugar sob o enfoque da geografia humanista**: um lugar chamado Avenida Paulista. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

HOLZER, Werther. A GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA REVISÃO. **Espaço e Cultura**, [S. l.], p. 137–147, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.2008.6142. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6142>. Acesso em: 27 ago. 2023.

_____. A influência de Éric Dardel na construção da Geografia Humanista Norte Americana. In. **Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, 2010. p. 1-11.

_____. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Niterói, RJ, v. 5, n.10, p. 113-123, 2003.

FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George Alexandre F; FARIAS, Hélio Takashi M. Adentrando Sertões: considerações sobre a delimitação do território das secas. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 10, n. 218 (64), 01 ago. 2006. Disponível em < <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-62.htm>>.

FERREIRA, Angela Lúcia ; DANTAS, George A. F. ; SIMONINI, Yuri . Cartografia do (De)Sertão do Brasil: notas sobre uma imagem em formação séculos XIX e XX. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 16, n.418(69), p. 1-18, nov. 2012.

FERREIRA DIAS, F. M. Alguns apontamentos sobre a utilização do conceito e método da formação socioespacial para o estudo da rede urbana brasileira. **Geographia Opportuno Tempore**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 39–53, 2022. DOI: 10.5433/got.2022.v8.46322. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/46322>. Acesso em: 17 mar. 2024.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). Atlas Histórico do Brasil. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/8885>. Acesso em: 18 ago. 2024.

FRAGA, N. C.; BUENO, V. J. A IDEIA DE SERTÃO NA FORMAÇÃO SOCIOTERRITORIAL BRASILEIRA, E NA REGIÃO DA GUERRA DO CONTESTADO. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 24, n. 95, p. 34–48, 2023. DOI: 10.14393/RCG249566632. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/66632>. Acesso em: 9 mar. 2024.

FREITAS, Luís Oliveira. **Figuração da paisagem: percepção da geograficidade em Vidas secas e Os flagelados do vento leste**. 2017. 158 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

FILHO, Fadel David Antonio. Sobre a Palavra "Sertão": Origens, Significados e Usos no Brasil (Do ponto de vista da Ciência Geográfica). **Ciência Geográfica**, [s. l.], 2011.

KOK, Glória. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 91–109, 2009. DOI: [10.1590/S0101-47142009000200007](https://doi.org/10.1590/S0101-47142009000200007).

LEITÃO JÚNIOR, Artur Monteiro. As Imagens do Sertão na Literatura Nacional: O projeto da modernização na formação territorial brasileira a partir dos Romances Regionalistas da Geração de 1930. **Terra Brasilis**, [s. l.], 5 dez. 2012.

_____. As imagens do sertão na literatura nacional: o projeto da modernização territorial brasileira a partir dos romances regionalistas da geração de 1930. 2012. 397 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2012.263>

MALANSKI, Lawrence Mayer. Éric Dardel - O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica. **Terra Plural**, [S. l.], v. 9, p. 135-142, 1 mar. 2016

MARANDOLA JR., Eduardo . Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and placelessness, de Edward Relph. **Geografia (Rio Claro. Impresso)** , v. 41, p. 5-15, 2016.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um outro geográfico. **Revista Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, v. 4/5, p. 11-23, 2003.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2011. DOI: 10.9771/1984-5537geo.v6i2.4835. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4835>. Acesso em: 30 jan. 2024

OLIVEIRA, L. DE. Sentidos de lugar e de toponímia. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 91-93, 30 jun. 2013.

PÁDUA, Letícia Cristina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 54, p. 81_100, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SARAIVA, V. S. A Casa, de Natércia Campos: uma epopeia do sertanejo do Ceará.. Inventário (Universidade Federal da Bahia. Online) , v. 00, p. 00-0, 2011.

SENA, C. S. A CATEGORIA SERTÃO: UM EXERCÍCIO DE IMAGINAÇÃO ANTROPOLÓGICA. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v1i1.1776. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1776>.

SILVA, F. C. Geografia e poesia lírica: considerações sobre A poética do espaço, de Gaston Bachelard. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 060 - 075, 2015.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 9 nov. 2014.

VALMORBIDA, Nedli Magalhães. **Uma leitura do espaço da casa na obra de Mario Quintana: um convite ao devaneio**. 2007 p.133 Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade de Santa Cruz, Rio Grande do Sul, 2007.

VICENTINI, A. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 2, 2008. DOI: 10.5216/sec.v10i2.3140. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/3140>. Acesso em: 21 abr. 2024.